

# Revista Adventista

Ano 77 · Nº 828 · €1,90

Maio 2016

## A EUROPA NA PROFECIA



### REFLEXÕES SOBRE A EUROPA

O passado e o futuro da Europa.

06



### O DESTINO DA EUROPA

A Europa e o "reino dividido".

10



### A EUROPA UNIDA: SIM OU NÃO?

Uma nova perspectiva sobre a União Europeia.

22



“

Muitas vezes os nossos esforços por outros podem ser desconsiderados e aparentemente perdidos. Mas isto não deve constituir-se motivo para nos mostrarmos cansados de **fazer o bem**. Quantas vezes não tem vindo Jesus buscar frutos nas plantas do **Seu cuidado**, e não tem encontrado senão folhas! Podemos ficar desapontados quanto aos **resultados** dos nossos melhores **esforços**, mas isto não nos deve levar ao indiferentismo para com os ais alheios e a nada fazer.

ELLEN G. WHITE, *BENEFICÊNCIA SOCIAL*, p. 39.

”



**CHAMADOS PARA SERVIR**

*"De graça recebestes, de graça dai." Mateus 10:8.*

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Rodrigues

### Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

### Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock  
E-mail revista.adventista@pservir.pt

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

### Controlo de Assinantes

Paulo Santos  
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a  
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.



### MEDITAÇÃO

# 26

## A Sinfonia nº 2 de Brahms

A tentativa da Ciência para explicar a vida, especialmente a consciência humana, em termos puramente materialistas e naturalistas, falhou miseravelmente.



### ESPÍRITO DE PROFECIA

# 28

## Tesouro inesgotável

Pode Ellen G. White ser considerada uma teóloga? Ao longo dos anos, várias pessoas têm respondido a esta pergunta.



### VIDA CRISTÃ

# 32

## Esquecer o passado negativo

Quantos problemas, inimizades e separações acontecem por causa do passado mal resolvido!

## 04 A LUZ DA PROFECIA EDITORIAL

## 05 MEMO / BANCO DE LEITURA

## 18 NOTÍCIAS NACIONAIS

## 19 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

## 27 GRAÇA EXTRAORDINÁRIA ESPAÇO JUVENIL

## 06 REFLEXÕES SOBRE A EUROPA > REFLEXÃO

Em pouco mais de meio século, a Europa esteve perto da destruição total, passou a ser um oásis de paz e prosperidade no Planeta e é novamente confrontada com novos e gigantescos desafios.

## 10 O DESTINO DA EUROPA > BÍBLIA

Neste artigo vamos definir qual é a entidade histórica que é representada pelos pés e dedos da estátua de Daniel 2, isto é, iremos descobrir a identidade histórica do "reino dividido".

## 22 A EUROPA UNIDA: SIM OU NÃO? > TEMÁTICA

Estará a profecia milenar de Daniel 2 a falhar precisamente neste período crucial da História, antes da Segunda Vinda de Cristo, depois de se ter mostrado verdadeira durante séculos?





# A luz da profecia

“**E**temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amaneça, e a estrela da alva apareça em vossos corações” (I Pedro 1:19).

O Deus onnipotente permitiu que o homem tivesse uma impressionante percepção do futuro há aproximadamente dois mil e quinhentos anos. Através do segundo capítulo do livro de Daniel, Deus permitiu que o homem conhecesse, entre outras coisas, o futuro da Europa. Quando abordamos o tema da Europa na profecia Bíblica, esta fala-nos de um reino dividido. O mais interessante é que, nos nossos dias e na atual conjuntura política, social e económica, as pessoas são levadas a desconfiar de uma sociedade recheada de incertezas e que nos faz temer pelo amanhã. Constantemente ouvimos pessoas declararem que o mundo não pode continuar como está. Ouvimos

também as notícias de que alguns países mais ricos ameaçam sair da União Europeia enquanto outros mais pobres desejam entrar nela.

No meio desta Europa confusa, materialista e condenada ao fracasso, existem milhares de Cristãos que, conhecendo a profecia, depositam toda a sua esperança no Senhor Jesus Cristo. Afinal, tudo isto prova mais uma vez que a Bíblia tem razão e assegura aos filhos de Deus que “há um Deus no céu, o qual revela os mistérios; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de acontecer nos últimos dias” (Daniel 2:28).

Devemos continuar a confiar na graça e na misericórdia de Deus. As profecias são como um farol que vai iluminando o nosso mundo com a onisciência de Deus. Não permitamos que nenhuma ameaça nos faça perder a bem-aventurada esperança. A necessidade de continuar a caminhada para o encontro com Jesus Cristo e para o início da vida eterna deve ser um argumento suficientemen-

te forte para não deixarmos de estar atentos à palavra profética. Aqueles que desconhecem ou desconfiam da profecia bíblica não têm qualquer esperança no futuro, enquanto aqueles que confiam na palavra de Deus aguardam com esperança o futuro. Um futuro passado não neste mundo, mas no mundo vindouro. A Segunda Vinda de Jesus Cristo à Terra constitui a maior esperança na vida do crente Adventista.

A profecia não nos deve fazer tremer, mas sim temer ainda mais Deus. Devemos viver numa total confiança de que nada debaixo do Sol acontece sem o conhecimento de Deus.

Apesar de toda a tristeza humana à nossa volta, nada nos poderá impedir de vivermos o dia-a-dia iluminados pela “bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tito 2:13). ✎

• **Pr. António Rodrigues,**  
presidente da UPASD

## MEMO

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

#### maio

01-08	Campanha Nacional da ADRA
14-21	Campanha de Evangelização

#### junho

04	Dia dos Cursos por Correspondência
09-12	Dia Internacional dos Ministérios da Mulher
18	Festival Halal
19-27	Formação de Promotores de Saúde

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO



#### maio

02-06	Seminário Teológico de Sagunto (SpU)
09-13	Universidade Adventista de França (EUD)
16-20	Casa Publicadora Safeliz (EUD)
23-27	Seminário Teológico Bogenhofen (AU)
30/05-03/06	Clínica La Lignière (EUD)

#### junho

06-10	Associação do Norte da Transilvânia (RU)
13-17	Faculdade de Marienhöhe (EUD)
20-24	União Suíça (SU)
27/06-01/07	Associação Belga-Luxemburguesa (FBU)

ANTENA 1  RTP2 

### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

16/05	Segunda-feira
13/06	Segunda-feira

### CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.

08/05	Domingo
26/06	Domingo

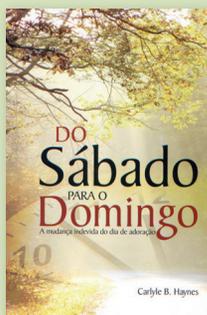


BANCO DE LEITURA

# Do Sábado para o Domingo

Carlyle B. Haynes

Este livro do Pastor Carlyle Haynes é aconselhado a todos os Adventistas do Sétimo Dia que têm interesse em compreender a fundo as razões da sua fé, de modo



a poderem defendê-la adequadamente. Que um livro sobre a mudança indevida do dia de adoração deveria interessar a qualquer um de nós é algo quase evidente. De facto, a nossa doutrina sobre o Sábado é tão importante para nós que está inscrita no próprio nome que nos identifica enquanto crentes cristãos. Afinal, somos Adventistas *do Sétimo Dia*. Ora, neste livro o seu autor começa por mostrar que Jesus não mudou a

observância do Sábado para o domingo. Em seguida, explica a natureza do Sábado bíblico e mostra a total ausência de autoridade divina para a mudança que aconteceu nos primeiros séculos da Igreja Cristã. Haynes também explica como, por que razão e por quem foi feita a mudança indevida do dia de adoração e mostra como o sábado que chega até nós cada semana continua a ser o Sábado instituído por Deus na Criação. A questão da mudança do calendário pelo Papa Gregório XIII é também abordada, mostrando-se que tal mudança não afetou o imutável ciclo semanal. Vem em seguida o crucial capítulo sobre “A posição do Protestantismo”. Este capítulo vale ouro. De facto, Haynes cita inúmeros autores provenientes de quase todas as grandes divisões denominacionais do Protestantismo, mostrando que (1) a Bíblia deve ser a única regra de fé dos Protestantes; (2) os Dez Mandamentos estão ainda em vigor para o Cristão, pois não foram abolidos por Jesus; (3) a mudança do Sábado para o domingo não tem base bíblica. Depois de defender a nossa posição graças à citação de destacados autores protestantes, o pastor Haynes completa o seu livro mostrando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento profético que, segundo Isaías, tem, entre outras, a missão de restaurar a observância do Sábado entre os Cristãos no tempo do fim. O livro de Carlyle Haynes termina com um apelo a que se aceite a luz sobre o Sábado. Assim, ele é também um excelente livro para se oferecer àqueles que pertencem ao nosso círculo de influências e que desejam saber mais sobre o Sábado, o qual é uma parte tão importante do estilo de vida Adventista. Assim, é com gosto que recomendo este pequeno livro de 110 páginas aos leitores da *Revista Adventista*. ¶

**Paulo Lima**

**Redator da Revista Adventista**

# Reflexões sobre a Europa

“DEIXO-VOS A PAZ, A MINHA PAZ VOS DOU; NÃO VO-LA DOU COMO O MUNDO A DÁ.  
NÃO SE TURBE O VOSSO CORAÇÃO, NEM SE ATEMORIZE.” JOÃO 14:27.

## 9 de maio de 1950

Robert Schuman, ministro dos negócios estrangeiros da França, surpreende governantes e povos com uma Declaração histórica, uma proposta de entendimento entre as nações e de gestão conjunta das riquezas naturais da Europa. No seu discurso ouvem-se as seguintes palavras: “Esta proposta representa o primeiro passo concreto rumo a uma federação europeia, imperativa para a preservação da paz.”<sup>1</sup>

## O motivo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento religioso de base profética, com uma visão escatológica baseada na Bíblia e nos escritos de Ellen White, mas não deixa por isso de ter tido uma origem geográfica – os EUA – e temporal – o século XIX – que condicionam e direcionam o seu estudo das profecias. Talvez por essa razão não existam hoje tantos estudos sobre o papel na profecia de potências políticas

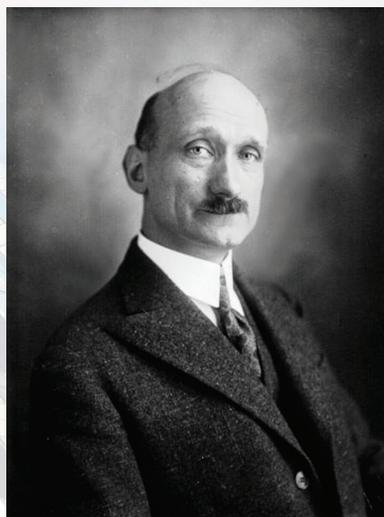
ou entidades religiosas relevantes na atualidade (como, por exemplo, a Europa ou o Islão), em comparação com os estudos existentes sobre outras potências ou entidades (como os EUA e o Vaticano). Esta sua revista contém dois artigos que procuram contribuir para uma reflexão sobre o que a revelação bíblica nos deixou acerca do papel da Europa na profecia, ou, melhor ainda, do que a profecia indica acerca da Europa neste tempo. Este texto mais não é do que uma tímida introdução a essa temática, tendo como base a ideia que fundou e o processo que desenvolveu a Europa que hoje conhecemos.

## O momento

A Europa saíra da mais grave de todas as guerras que a assolaram. Para além de milhões de mortes, cidades arrasadas e economias destruídas, as nações e os povos europeus viam aberta a maior das feridas morais, a do ódio, sem saberem como a cica-

trizar. Não que a guerra fosse novidade ou rara no continente, mas porque o terror e a desumanidade atingiram o patamar do unimaginável e os novos e massivos meios de destruição tornavam um potencial futuro conflito num conflito último e definitivo. Desde o fim do Império Romano, os reinos, as nações e os Estados europeus já se tinham envolvido em inumeráveis querelas: das incursões bárbaras à expansão muçulmana e à reconquista cristã; da Guerra dos Cem Anos no século XIV à Guerra dos Trinta Anos no século XVII; das invasões napoleónicas às afirmações nacionalistas do século XIX; até que chegou o sangrento século XX, com duas guerras mundiais em que a Europa foi o palco onde decorreu a ação principal. Portanto, os Europeus nunca viveram em paz, em todo o continente, durante muito tempo.

Assim se compreende que, em 1950, os povos europeus aspirassem a viver em paz. E a procurá-



Robert Schuman

-la a todo o custo. Aparece nos bastidores do poder um homem visionário, conhecido pela capacidade pessoal e profissional de produzir entendimentos através de compromisso e negociação. Durante a Guerra, este diplomata francês convenceu a Inglaterra a combater ao lado da França, e, depois, convenceu os EUA a juntarem-se-lhes; agora, finda a guerra, está em posição de convencer os países vencedores e a sua nova aliada, a Alemanha ocidental, a partilharem um sonho – uma Europa em que os países mais fortes, voluntariamente, abdicassem de defender os seus interesses através do conflito, gerissem e partilhassem os territórios e os recursos minerais e acordassem em cooperar para o desenvolvimento mútuo. Este homem chamava-se Jean Monnet e ficou conhecido como “o pai da Europa”, estando por detrás da Declaração Schuman e da sua aceitação favorável pelos outros países europeus.

### O sonho

Talvez quem melhor tenha explicado como atingir o sonho de um relacionamento de paz entre

os povos fosse Raymond Aron, filósofo e sociólogo francês do século passado.<sup>2</sup> Para ele, o sistema internacional sempre assentou nas relações de poder entre os Estados, sendo a paz mais ou menos possível e estável consoante o tipo dessas relações. Por exemplo, no passado, houve exemplos de paz de império, como no caso de Roma, que tomou e subordinou as nações e os povos; paz de hegemonia, como no tempo do Sacro Império Romano Germânico de Carlos V, que dominava quase toda a Europa, com exceção da França e de algumas potências menores; paz de equilíbrio, como no caso da Europa do século XIX, cuja ordem provinha da similitude de poder entre os blocos de países, com o Império Britânico a servir de fiel da balança; e até paz de equilíbrio pelo terror, com o clímax na Guerra Fria, em que o conflito direto entre as duas Superpotências só não aconteceu por implicar destruição mútua. Obviamente que a palavra “paz” aqui usada não é a noção de paz que temos, em especial como Cristãos, mas sim a ausência de conflito bélico, mesmo que com injustiça e inimizade.

Observando a Europa do pós II Guerra Mundial, Aron deteta uma nova tentativa de modelo de paz, um modelo em que não é o poder a ditar as relações, mas sim a lei internacional; em que não é o ódio, a ambição e o egoísmo a reger as ações, mas em que a ação conjunta dos povos e das nações produz a satisfação de todos. A esta ideia – a de criar um espaço de gestão comum da riqueza e cooperação para o desenvolvimento, em que a guerra não era uma hipótese entre os seus atores – chamou Aron “paz de satisfação”. E ele augura que tal só é possível na passagem da “pluralidade para a unidade” das nações,<sup>3</sup> processo longe ainda de terminar ao nível mundial, mas que as organizações internacionais demonstram estar em curso.

### O percurso

O pontapé de saída para a globalização dos princípios enunciados pelos vencedores da II Guerra Mundial, impulsionados pelos EUA e pelos países ocidentais, já havia sido dado na Carta do Atlântico, em 1941, assinada entre os EUA e a Inglaterra. Deles constavam a liberdade e a democracia, a



Jean Monnet

autodeterminação dos povos, o comércio livre, a cooperação... Jununtamente com a Carta da ONU, de 1945, e a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1949, formavam a base para a tentativa da (tal) paz pela lei e pela satisfação.

É com este objetivo que, em 1952, seis países europeus, entre os quais as potências arqui-inimigas França e Alemanha (representada pela sua herdeira ocidental, a República Federal da Alemanha), criam a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, com o seu primeiro Presidente a ser o já citado Jean Monnet. Desde então e até à atualidade, a Europa viveu uma história de integração, com dois pilares fundamentais: o alargamento e o aprofundamento. Por um lado, foi sucessiva e respetivamente crescendo e integrando mais países, das Ilhas Britânicas, da Europa do Sul, da Europa do Norte, da Europa Central e de Leste, das Ilhas Mediterrânicas. Simultaneamente, alargou os seus objetivos instituindo sucessivamente uma zona de comércio livre, um mercado

comum, um mercado único, a cooperação nas áreas da justiça, da segurança e dos assuntos externos, uma união económica e monetária e foi até tentado criar uma Constituição (2004), que, sendo rejeitada pelo voto dos povos, passa a Tratado Constitucional, com o Tratado de Lisboa de 2007. É tal a vontade dos dirigentes que ultrapassa a vontade dos povos e o próprio ritmo dos que primeiro a pensaram.<sup>4</sup>

### O (im)previsto

Até ao virar do milénio, diríamos que os planos correriam melhor do que qualquer previsão. Seis, nove, doze, quinze, vinte e cinco países,<sup>5</sup> transformam um continente assolado pela instabilidade territorial, pela luta pela riqueza, pelo ódio nacional e pela guerra, num espaço de livre circulação, cooperação económica, liberdade e respeito pelos direitos humanos e, finalmente, de paz. Todos os que estão dentro louvam a criatura: os ricos porque estão em paz, os pobres porque estão mais ricos. E os que estão fora anseiam por entrar. Assim passou

meio século, o mais longo período sem conflito na Europa.

Mas como o mundo e a Europa mudaram tanto nos últimos, poucos, anos... Uma crise financeira transforma-se em crise económica e lança empresas na falência e pessoas na miséria. Os benefícios da partilha e da unidade são colocados em causa, considerados pelos mais ricos como fardo e empobrecimento e pelos mais pobres como espantilho para o crescimento. A solidariedade, base de um pretendido espírito europeu, é corroída pelos ancestrais interesses nacionais. A heterogeneidade política, social, cultural e religiosa, fruto de um mundo interligado, coloca novos e inesperados desafios aos princípios e às liberdades que se tinham por adquiridos. Muitos batem à porta e querem entrar, e a Europa, a velha Europa, nem sabe bem como explicar a distância que vai desde os pronunciamentos dos seus valores superiores até à realidade dos sacrifícios que está disposta a realizar para os fazer prevalecer.





Hoje, o edifício da construção europeia continua de pé, mas ninguém garante que não venha a cair ou algo terá de mudar muito para que se mantenha. As gerações recentes não sabem, nem imaginam, o que é viver fora dele, até por desconhecerem o que existia antes e como ele se construiu. Os povos europeus, ao pensarem na União Europeia, associam-na a austeridade, diretivas e regulamentos, quotas de produção, burocracia, distância entre dirigentes e dirigidos, benefício dos poderosos em seu detrimento... Bem longe do sonho apoiado de uma união pelo entendimento e pela concórdia. Não é possível avaliar as intenções dos homens de então, nem dos de agora, quanto aos verdadeiros e últimos objetivos da unidade europeia; mas é fácil de perceber que a percepção dos Europeus sobre esses objetivos mudou drasticamente e é atualmente mais negativa e cética.

### **E o futuro?**

Esse, como diz o adágio, a Deus pertence. E ainda bem, pois está bem entregue.

Para as gerações que vivem na atualidade, o ritmo alucinan-

te dos acontecimentos é quase impossível de acompanhar. Em pouco mais de meio século, a Europa esteve perto da destruição total, passou a um oásis de paz e prosperidade no Planeta e é novamente confrontada com novos e gigantescos desafios.

Para o crente Adventista do Sétimo Dia, que procura na Bíblia a interpretação para o tempo que vivemos, o ritmo surpreende, mas não os acontecimentos. Ele não sabe se a resposta aos desafios será a tendência para a dispersão destes povos e destas nações que se uniram (como ferro e barro que não se unem), ou, pelo contrário, alargar e aprofundar a união (como os pés, com materiais diferentes, que não deixam de permanecer inteiros). Por muito que consiga explicar que, segundo Daniel 2, tais pés correspondem aos reinos herdeiros do Império Romano, ele sabe ainda melhor que, depois deles e seja qual for a sua forma, virá uma Pedra que os pulverizará.

A Bíblia não é um mero enigma à espera de ser decodificado; Ela é a Mensagem de Deus, com lições e princípios para todos os

tempos e lugares. E, desta história que ainda não acabou, fica a lição de que a verdadeira paz – paz interior, com os outros e com Deus, aquela que o mundo não pode dar – só a dá Jesus Cristo, aos homens e às nações. Mas também de que os bons princípios, como aqueles que nos trouxeram até aqui e que nos deram um tempo único de oportunidade, de liberdade e de paz, merecem ser realçados e aprendidos, independentemente de quanto tempo durem até que não os vejamos mais. Porque aí veremos a surgir, definitivamente, princípios de um outro Governo, de paz e de perfeição, levantado pelo Deus do Céu.<sup>6</sup> ✨

**• Paulo Sérgio Macedo**

*Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos*

1. Texto integral da Declaração Schuman: [http://europa.eu/about-eu/basic-information/symbols/europe-day/schuman-declaration/index\\_en.htm](http://europa.eu/about-eu/basic-information/symbols/europe-day/schuman-declaration/index_en.htm).

2. Ver ARON, Raymond; *Peace and War – A Theory of International Relations*; Nova Iorque: Doubleday, 1966.

3. *Idem*, p. 759.

4. "A Europa não será feita de uma vez, nem de acordo com um plano único. Será construída através de conquistas concretas que primeiro criarão uma solidariedade de facto." Declaração Schuman, 1950.

5. Os Estados Membros são hoje 28.

6. Daniel 2:44.

# O destino da Europa

PARTE III

## O REINO DIVIDIDO E O REINO ETERNO DE DANIEL 2

O sonho de Nabucodonosor II registado no segundo capítulo de Daniel tem fascinado incontáveis gerações de leitores de todas as épocas. Dada a importância da revelação profética que é transmitida através desse sonho, decidimos interpretá-lo com rigor e espírito analítico, de modo a compreender em profundidade o seu significado. Assim, dedicámos inicialmente dois artigos ao estudo da primeira parte do sonho, tendo interpretado o significado histórico da cabeça de ouro, do peito e dos braços de prata, do ventre e das coxas de bronze e

das pernas de ferro da estátua de metal.<sup>1</sup> Depois de terminada esta tarefa, demos início a uma série de artigos destinados a decifrar o significado histórico dos pés e dos respectivos dedos da estátua, que constituíam o “reino dividido”.

Assim, depois de termos realizado uma *interpretação exegética* profunda do texto de Daniel 2, que descreve o destino dos pés e dos respectivos dedos de ferro e de cerâmica da estátua colossal vista em sonhos por Nabucodonosor II,<sup>2</sup> iremos agora proceder à interpretação histórica do símbolo dos pés e dos dedos da estátua. Portanto, apoiados nos dados determinados pela exegese previamente efetuada, vamos definir qual é a entidade histórica que é representada pelos pés e dedos da estátua, isto é, iremos descobrir a *identidade histórica* do “reino dividido”. Para podermos ser bem-sucedidos nesta tarefa, iremos começar por definir as balizas temporais que, segundo a profecia de Daniel 2, mar-



cam o início e o fim da carreira histórica desse “reino dividido”.

### O período histórico do “reino dividido”

Para que possamos determinar a época histórica – e assim determinar posteriormente a identidade histórica – das entidades simbolizadas pelos pés e dedos de ferro e cerâmica da estátua de Daniel 2 que constituem o “reino dividido”, devemos isolar e compreender os pontos de referência temporais que os concernem. Ora, uma análise atenta do segundo capítulo de Daniel permite-nos afirmar que a atividade do “reino dividido” tem como ponto cronológico inicial o fim do Império Romano no Ocidente, simbolizado pelas pernas de ferro, e tem como ponto cronológico final o apogeu escatológico, determinado pelo regresso de Cristo. Estes dois pontos de referência cronológicos são estabelecidos pelos seguintes argumentos.

Pode-se afirmar, sem receio de errar, que o ponto cronológico *final* da atividade do “reino dividido” é a época do apogeu escatológico determinado pela Segunda Vinda de Cristo. Primeiro, o “reino dividido” simbolizado pelos pés e respectivos dedos da estátua é destruído pelo impacto da pedra (Dan. 2:34). Ora, nós vimos num artigo anterior que a “pedra” é o símbolo de Jesus Cristo, o Messias, e que o impacto da pedra sobre a estátua é a representação da Segunda Vinda de Cristo à Terra.<sup>3</sup> Portanto, isto significa que o “reino dividido” será um ator na história do nosso mundo até ao regresso de Jesus. Segundo, Daniel diz-nos claramente que será “nos dias destes reis” que Deus fundará o reino messiânico (Dan. 2:44). Sabemos que a fundação do reino messiânico acontecerá quando

## UMA ANÁLISE ATENTA DO SEGUNDO CAPÍTULO DE DANIEL PERMITE-NOS AFIRMAR QUE A ATIVIDADE DO “REINO DIVIDIDO” TEM COMO PONTO CRONOLÓGICO INICIAL O FIM DO IMPÉRIO ROMANO NO OCIDENTE E TEM COMO PONTO CRONOLÓGICO FINAL O APOGEU ESCATOLÓGICO, DETERMINADO PELO REGRESSO DE CRISTO.

se der a Segunda Vinda de Jesus, porque a descrição dada em Daniel 2:44 está a explicar o símbolo expresso em Daniel 2:34. Assim, se o reino que Deus vai fundar sobre a Terra no fim do tempo, aquando da Segunda Vinda de Cristo, é instaurado “nos dias destes reis”, e se “estes reis” são os dez “reis” ou reinos que constituem o “reino dividido”, e que são representados pelos dez dedos de ferro e de cerâmica dos pés da estátua,<sup>4</sup> então podemos concluir que o “reino dividido” existirá até ao tempo do fim e será destruído apenas pela Segunda Vinda de Cristo.

Pode-se também afirmar que o ponto cronológico *inicial* da atividade do “reino dividido” é o fim do Império Romano no Ocidente, simbolizado pelas pernas de ferro, tendo em consideração o seguinte argumento. Na estrutura da estátua de metal, as pernas de ferro dão lugar aos pés e aos respectivos dedos de ferro e de cerâmica (Dan. 2:33). Ora, vimos num artigo anterior que as pernas de ferro da estátua simbolizam o Império Romano, que manteve a hegemonia política no Mediterrâneo e na Europa Ocidental até 476 d.C..<sup>5</sup> Sendo assim, se o “reino dividido” sucede ao Império Romano, então ele deve ter vindo à existência após 476 d.C., data que marca o fim do Império Romano no Ocidente.

Portanto, podemos concluir que as entidades históricas sim-

bolizadas pelos pés e dedos de ferro e de cerâmica da estátua metálica (isto é, pelo “reino dividido”) estão em atividade na história da Europa desde o fim do Império Romano no Ocidente, e aí continuarão a agir até ao fim dos tempos marcado pela Segunda Vinda de Jesus. Assim sendo, elas existem presentemente. O “reino dividido” é uma entidade histórica contemporânea. Com estes pontos de referência cronológicos, poderemos proceder com segurança à identificação histórica das entidades que constituem o “reino dividido”. É o que faremos em seguida.

### Os dez povos bárbaros germânicos e o “reino dividido”

Para identificarmos historicamente o “reino dividido” – representado pelos pés e pelos seus dez dedos de ferro e de cerâmica – devemos ter em conta os seguintes aspetos simbólicos. Primeiro, o “reino dividido” é constituído pelos dez dedos, os quais são o símbolo de dez “reis” ou reinos que vieram à existência na mesma época histórica – após 476 d.C. – e que continuam a existir hoje. Sabemos que estes dez “reis” (simbolizados pelos dez dedos dos pés) são, na realidade, dez reinos, porque, nas visões proféticas de Daniel, os termos “reis” e “reinos” são equivalentes (cf. Dan. 7:17 e Dan. 7:23).<sup>6</sup>

Segundo, o “reino dividido” é caracterizado pela justaposição de duas substâncias heterogêneas: o ferro e a cerâmica. O ferro representa a romanização no seu aspecto geográfico, político e cultural, pois ele é o símbolo do Império de Roma em Daniel 2. Logo, a cerâmica deve representar também uma distinta realidade geográfica, política e cultural que se veio associar, a partir de 476 d.C., à geografia, à política e à cultura do Império Romano que dominava a Europa ocidental e central.<sup>7</sup>

Tendo em consideração estes dados extraídos da exegese do texto de Daniel 2, podemos concluir que os dez reinos simbolizados pelos dedos dos pés da estátua que constituem o “reino dividido” são, numa primeira leitura, os dez povos e os dez reinos bárbaros germânicos que substituíram o Império Romano no Ocidente e no Centro da Europa. Estes povos bárbaros germânicos são os Visigodos, os Ostrogodos, os Vândalos, os Suevos, os Burgundos, os Francos, os Alamanos, os Lombardos, os Hérulos e os Anglo-saxões. De facto, todos estes povos bárbaros partilhavam a organização política e a cultura germânicas (representadas pela cerâmica) e todos eles fundaram reinos autónomos no interior do território do Império Romano do Ocidente a partir do século V, reinos esses que ainda eram realidades políticas existentes após 476 d.C..

Os Visigodos invadiram a Itália em 401 e saquearam Roma em 410. Eles fundaram o reino de Toulouse, na Gália, que durou de 416 a 507. Após a sua expulsão da Gália pelos Francos, eles migraram em direção à Península Ibérica, onde fundaram o reino de Toledo, que durará de 513 a 711, até à conquista da Hispânia pelos Muçulmanos. Os Ostrogodos en-

traram no território do Império Romano em 489 e fundaram um reino em Itália que durou até 555. Nessa data, as forças armadas do Império Romano do Oriente apagaram o reino Ostrogodo do mapa da Europa. Os Vândalos invadiram a Gália em 405, passaram para a Hispânia em 409 e iniciaram a conquista da África norte-ocidental em 429, onde fundaram um reino que durará até 534, data da reconquista da África por Belisário, general do Império Romano do Oriente. Os Suevos invadiram o Império em 406 e passaram para a Hispânia em 409. Em 411 fundaram o reino de Braga, no Noroeste da Península Ibérica. Em 585 este reino foi absorvido pelo reino Visigodo. Os Burgundos instalaram-se em 413 na Gália Renana. Em 461, fundaram um reino no Sul da Gália que teve Lyon como capital. Este reino será absorvido pelo reino franco em 534. Os Francos começaram a conquista da Gália com o rei Clóvis a partir de 486. Em 511, o reino franco era a mais forte potência da Europa Ocidental. O reino francês será a continuação do reino franco. Os Alamanos invadiram o império em 406 e estabeleceram um reino na Alsácia e no Palatinado, que durará até 496. Os Lombardos penetraram em Itália em 568 e fundaram o reino de Pavia. Ele será destruído pelos exércitos de Carlos Magno. Os Hérulos fundaram um reino em Itália por iniciativa de Odoacro em 476, mas ele será destruído em 493 pela ação dos Ostrogodos. Finalmente, os Anglo-saxões penetraram gradualmente na Grã-Bretanha a partir de 449 e aí fundaram diversos pequenos reinos que serão unificados somente no século IX.

Assim, foram estes dez povos germânicos que destruíram e subs-

tituíram politicamente o Império Romano na Europa Ocidental. A sua cultura simples e a sua forma de organização política fragmentada são representadas pela cerâmica que se veio associar ao ferro (representante da romanização).<sup>8</sup>

Ora, estes dez povos e reinos bárbaros germânicos estão na origem das numerosas nações que têm evoluído na história europeia. De facto, foi a mistura destes povos germânicos com a população romanizada e foi a sua organização política em diversos reinos autónomos e distintos que deram origem às Europa das nações após 476 d.C.. Assim, estes dez povos germânicos correspondem precisamente aos dez dedos dos pés da estátua de Daniel 2. Além do mais, este número “dez” não somente tem um valor literal, mas adquire também um valor simbólico. Ele simboliza a totalidade do poder político europeu, dado que os dez povos bárbaros estão na origem do número variável de nações que evoluíram na história da Europa Ocidental e Central, desde a queda do Império Romano até ao presente. Assim, numa segunda leitura, os dez reis ou reinos que constituem o “reino dividido” não são apenas os reinos bárbaros fundados no século V, mas são também as várias nações europeias que têm neles as suas raízes históricas e que existem presentemente. Pelo que, atualmente, o “reino dividido” mais não é do que a Europa das nações em que vivemos. Isto está plenamente de acordo com as balizas cronológicas que o texto de Daniel estabelece para os dez reis que constituem o “reino dividido”, pois, como vimos, eles não só deveriam vir à existência após 476 d.C., como deveriam continuar a existir até à Segunda Vinda de Cristo. Ora, a Europa

das nações surgiu a partir de 476 d.C., existe presentemente e certamente continuará a existir até ao fim dos tempos.<sup>9</sup>

### A Europa e o “reino dividido”

Assim, o “reino dividido” de Daniel 2 deve ser identificado com a Europa das nações. De facto, ao explicar o sonho a Nabucodonosor II, Daniel afirma que a entidade histórica simbolizada pelos pés e respetivos dez dedos de ferro e de cerâmica será “um reino dividido” (Dan. 2:41b). Este “reino dividido” conservará “a solidez do ferro” (Dan. 2:41b). Mas dado que alguns dedos seriam de ferro e outros de cerâmica (Dan. 2:41a; 2:42a), o “reino dividido” seria em parte forte e em parte fraco (Dan. 2:42b). Vejamos o que significa isto.

Primeiro, devemos sublinhar que a identidade da Europa seria o resultado da junção do ferro e da cerâmica após 476 d.C.. O ferro representa a herança latina de Roma, pelo que a cerâmica deve representar a herança germâni-

ca dos povos bárbaros. De facto, a política e a cultura europeias são fortemente marcadas pelas heranças latina e germânica. A herança latina inclui não apenas o Direito Romano, a língua latina (de onde derivam as línguas românicas), a cultura latina e a tradição política do Império, mas também a organização eclesiástica e o ensino religioso da Igreja de Roma. O facto de o Cristianismo ser a religião aceite pelo Império Romano desde o Édito de Milão de 313 d.C., e o facto de a sua forma ortodoxa, promovida pelo Papado (com sede em Roma), ter acabado por ser aceite pelos povos bárbaros germânicos, mostra a importância da fé cristã na formação do espírito europeu.<sup>10</sup> Na verdade, pode dizer-se que o Cristianismo faz parte da herança romana, sendo assim também representado pelo símbolo do ferro. A importância do Cristianismo para a formação da civilização europeia é sublinhada pelo historiador Gheorghe Ceausescu, quando escreve: “Se os Gregos e

os Romanos configuraram a Europa, do ponto de vista da cultura e da civilização, o Cristianismo configurou-a do ponto de vista espiritual. [...] Quando, no ano de 313, o imperador Constatino promulga o famoso Édito de Milão, o Cristianismo impõe-se como religião preponderante no Império Romano e assegura, ao longo da Idade Média, uma unidade europeia na fragmentação política que se registou depois do assassinio, em 476, de Rómulo Augusto, o último imperador do Império do Ocidente. Os povos bárbaros, que se abateram sobre os territórios romanos, amansaram e ganharam o direito a serem europeus, pelo Cristianismo. [...] A Europa é, há muito, sinónimo de *Christianitas*.”<sup>11</sup> Por outro lado, a herança germânica inclui a cultura e a língua (de onde derivam as línguas germânicas) e, sobretudo, a tradição política. O historiador Mário Bastianetto faz notar esta decisiva contribuição germânica quando escreve que “outros estudiosos preferiram pôr a questão





em termos político-constitucionais, e fizeram, por isso, remontar aos Germanos a concepção moderna dos Estados nacionalistas, contraposta ao império universal de Roma”.<sup>12</sup> Assim, a tradição latina (que inclui o Cristianismo) e a tradição germânica uniram-se para formar o espírito da Europa das nações após 476 d.C..<sup>13</sup> Dado que o ferro continua presente no “reino dividido” – a Europa das nações –, este será ainda romano e participará da força de Roma. Esta força da Europa revelou-se ao longo da sua história, na medida em que, a partir do século XV, as nações europeias mais fortes dominaram o mundo, estabelecendo colónias noutros continentes. No entanto, dado que a cerâmica também está presente no “reino dividido” – isto é, na Europa –, ele não será tão unitário, forte e sólido como Roma foi. Ora, esta tem sido claramente a situação da Europa.

Segundo, a partir de 476 d.C., a Europa seria dividida em várias nações, representadas pelos dez dedos de ferro e de cerâmica do

“reino dividido”. Algumas dessas nações seriam politicamente fortes e outras politicamente fracas, da mesma forma que alguns dedos dos pés são fortes como o ferro e outros fracos como a cerâmica. De facto, como vimos anteriormente, alguns dos dedos da estátua são totalmente de ferro e outros totalmente de cerâmica.<sup>14</sup> Note-se que aqui os símbolos do ferro e da cerâmica são aplicados num segundo sentido. Já não representam a cultura latina e germânica, mas sim o poderio político-militar dos Estados que foram integrando a Europa das nações ao longo dos séculos. Assim, nações como a França, a Espanha, a Alemanha e o Reino Unido têm sido politicamente fortes ao longo da história europeia, enquanto outras nações foram marcadas pela fraqueza política na história da Europa. As divisões internas do continente europeu, resultantes da sua divisão em nações fortes e fracas, fizeram com que a Europa na sua globalidade fosse um “reino dividido” “em parte forte e em parte fraco” (Dan. 2:42b).

Para solucionar a divisão da Europa – *i.e.*, do “reino dividido” –, foram adotadas duas estratégias ao longo da sua história. A primeira é mencionada na interpretação que Daniel dá do sonho de Nabucodonosor II, quando ele diz que os líderes dos reinos representados pelos dedos dos pés da estátua “misturar-se-ão com a semente de homem” para conseguirem alcançar a união que caracterizava o Império Romano, mas não seriam bem-sucedidos nos seus intentos (Dan. 2:43). Como vimos já, isto significa que os líderes políticos europeus iriam estabelecer alianças matrimoniais que possibilitassem o nascimento de uma descendência comum, pelo meio da qual se procuraria alcançar a unidade política da Europa.<sup>15</sup> De facto, a história europeia mostra-nos que, ao longo dos séculos, as casas reais europeias estabeleceram intrincadas alianças matrimoniais, de modo a criar alianças que levassem à unidade política. Sabemos que, imediatamente antes da I Guerra Mundial (1914-1918), a maioria

dos monarcas europeus estava ligada por laços familiares e matrimoniais, mas isso não impediu a desunião política e o conflito militar.<sup>16</sup> A segunda estratégia para unir politicamente a Europa não é referida por Daniel, mas deve ser mencionada aqui, pois marcou a história sangrenta do nosso continente. De facto, ao longo da história europeia, vários líderes políticos europeus tentaram unir politicamente a Europa. Os mais destacados foram Carlos Magno (742-814), Carlos V (1500-1558), Luís XIV (1638-1715), Napoleão Bonaparte (1769-1821), Guilherme II (1859-1941) e Adolfo Hitler (1889-1945). Todos eles falharam em alcançar os seus intentos de unificação política da Europa. O “reino dividido” permaneceu profundamente desunido.<sup>17</sup>

### **O destino da Europa: O “reino dividido” e a União Europeia**

No entanto, desde a segunda metade do século XX temos assistido a uma nova e poderosa tentativa para unificar politicamente a Europa das nações. Esta tentativa unificadora não se apoia na construção de alianças matrimoniais, nem na força bruta dos exércitos. Ela assenta num esforço concertado de negociação política. Desde que, em 1957, foi assinado o Tratado de Roma por seis nações europeias – França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda e Luxemburgo –, o “projeto de integração europeia” tem progredido de forma lenta, mas segura. Hoje praticamente toda a Europa está unida politicamente sob a bandeira da União Europeia.<sup>18</sup> O Tratado de Lisboa, assinado em 13 de dezembro de 2007, é o tratado mais recente, dando personalidade jurídica à União Europeia, constituída por 28 Estados membros.<sup>19</sup> Embora já apresente

algumas características federais na sua organização institucional, esta União não tem ainda o estatuto de Federação. No entanto, pretende ser um passo muito decidido dado nesse sentido. De facto, o objetivo dos Europeístas ao longo da história da Europa tem sido a criação de um Estado Federal Europeu.<sup>20</sup> Esse é ainda o objetivo tácito – por vezes explícito – dos Europeístas contemporâneos. Será que o projeto de integração europeia poderá pôr em causa a revelação condensada no sonho de Daniel 2?

Os teólogos Adventistas William Shea e Gerhard Pfandl não acreditam que o processo de integração europeia, que culminou presentemente na constituição da União Europeia, ponha em causa a profecia de Daniel 2, porque, apesar da unidade económica, jurídica e até política da União, cada nação europeia mantém a sua cultura, a sua língua e as suas fronteiras territoriais. Portanto, elas não estão unidas como estava o Império Romano.<sup>21</sup> No entanto, parece-nos que a União Europeia conseguiu um nível de integração económica, jurídica e política nunca antes conseguido na Europa desde 476 d.C.. Assim, não será que este projeto político europeu está também predito na

revelação transmitida no sonho de Daniel 2?

No nosso entender, ele está predito. Para compreendermos como uma futura Federação Europeia (que surgirá muito provavelmente a partir da União Europeia) está prevista no sonho de Daniel 2, temos de ler com atenção o seu texto. Primeiro, o texto de Daniel 2:41 diz-nos claramente que o reino representado pelos pés e pelos respetivos dedos de ferro e cerâmica “será um reino dividido”. Portanto, ao mesmo tempo que enfatiza a *divisão* política do referido “reino dividido” (i.e., da Europa das nações), Daniel também enfatiza a sua *unidade* política, pois o reino dividido será “um reino”. Esta unidade política da Europa será especialmente relevante no tempo do fim, pois na Sua Segunda Vinda – representada pelo impacto da “pedra” – Cristo vem destruir primeiramente os pés e os respetivos dedos da estátua, que representam na sua unidade plural “um reino dividido” (Dan. 2:34, 44). Segundo, a indicação explícita no texto de Daniel 2 de que a “pedra” embate contra os pés e os dedos da estátua – o “reino dividido” – não tem apenas um significado cronológico. Esta informação não nos é dada apenas para indicar em que época da

**DESDE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX  
TEMOS ASSISTIDO A UMA NOVA E PODEROSA  
TENTATIVA PARA UNIFICAR POLITICAMENTE  
A EUROPA DAS NAÇÕES. ESTA TENTATIVA  
UNIFICADORA NÃO SE APOIA NA CONSTRUÇÃO  
DE ALIANÇAS MATRIMONIAIS, NEM NA FORÇA  
BRUTA DOS EXÉRCITOS.**

história humana ocorrerá o Segundo Advento. Daniel pretende também mostrar que haverá um forte antagonismo entre Cristo e o “reino dividido”, resultando a Segunda Vinda de Cristo na total destruição desse “reino”. Assim, o “reino dividido” surge em Daniel 2 como o grande antagonista político-religioso de Jesus Cristo no tempo do fim. Se tivermos em consideração estes dois dados, percebemos que, imediatamente antes da Segunda Vinda, a Europa será “um reino dividido” em forte oposição político-religiosa a Jesus Cristo. A existência de uma Federação Europeia, dotada de uma forte unidade política no tempo do fim, é uma realidade que o sonho apresentado em Daniel 2 parece prever.<sup>22</sup> Esta conclusão sai reforçada, se percebermos que existe um forte paralelo entre Daniel 2 e Apocalipse 17 no que toca ao papel atribuído às nações da Europa no tempo do fim que antecede a Segunda Vinda de Jesus.

De facto, o “reino dividido” dos dez dedos da estátua de metal de

Daniel 2:41-44 corresponde à federação escatológica dos dez reis de Apocalipse 17:12-17. Tivemos a ocasião de demonstrar noutro lugar que os dez reis (*i.e.*, as dez pontas da besta de sete cabeças de Apocalipse 17) são o símbolo das nações europeias. Ora, tal como em Daniel 2, o texto de Apocalipse 17 diz-nos claramente que estes dez reis vão unir-se, movidos por um mesmo propósito político, e vão fazer guerra a Cristo no tempo do fim. Portanto, haverá o estabelecimento de uma forte unidade política entre as nações da Europa, apesar das suas singularidades culturais, linguísticas e geográficas, e tal unidade será utilizada, no tempo do fim, para mobilizar as nações europeias contra os desígnios de Cristo. Esta unificação política das nações europeias está em curso de implementação desde 1957, graças ao processo de integração europeia. Presentemente, o referido processo conduziu à fundação da União Europeia. cremos que culminará em breve na formação de uma verdadeira Federação Europeia.<sup>23</sup>

## Conclusão

Assim sendo, o surgimento de uma futura Federação Europeia pode ser deduzido do texto de Daniel 2. Esta dedução é reforçada pela interpretação correta de Daniel 7 e de Apocalipse 17. Como não poderia deixar de ser, a futura Federação Europeia estará fortemente ligada aos desígnios do poder político-religioso desde sempre dominante na Europa. É também o que nos dizem os textos bíblicos que referimos. Ora, não se pode negar que o Vaticano tem mostrado, desde 1957, um forte interesse no avanço do processo de integração europeia. O Papa Bento XVI sempre defendeu que o projeto político europeu deveria ser prosseguido com empenho e dedicação, enfatizando a necessidade de se ligar o destino da Europa ao seu passado cristão (isto é, Católico Romano). Por isso escreveu: “Existe nas revoluções violentas do nosso tempo uma identidade da Europa com futuro e na qual nos poderemos manter por dentro? Para os pais da União Europeia, depois da



devastação da Segunda Guerra Mundial – Adenauer, Schumann, De Gaspari –, era claro que um tal fundamento existe, e que esse princípio deve ser procurado na herança cristã do nosso continente moldado pelo Cristianismo.”<sup>24</sup> Reforçando a ideia de que o projeto europeu deve ter em consideração as suas raízes cristãs, Bento XVI insiste que “o Cristianismo é, pois, a síntese operada em Jesus Cristo entre a fé de Israel e o espírito grego. [...] É nesta síntese que assenta a Europa. [...] Na minha opinião, a Europa, em sentido estrito, surge graças a esta síntese e baseia-se nela”.<sup>25</sup>

Portanto, com base nas profecias de Daniel 2, Daniel 7 e Apocalipse 17 não só podemos antecipar o surgimento de uma futura Federação Europeia, como também, segundo estes textos bíblicos, tal Federação estabelecerá uma aliança estratégica com Roma. Assim, a forte influência mundial da Federação Europeia acabará por ser exercida de acordo com a agenda do Vaticano.<sup>26</sup> Este cenário geopolítico pode estar próximo da sua realização, pois, como nos diz o europeísta Romano Gheorghe Ceausescu, “tal como Aquiles, a Europa estava e está, hoje em dia, frente a uma encruzilhada: continuar num estado de fragmentação em estruturas nacionais, tornando-se, a pouco e pouco, num ‘pequeno cabo do continente asiático’, tal como dizia Paul Valéry, ou, através da integração europeia, por vontade própria dos países membros, configurar uma força importante que, mesmo sem ser hegemónica, terá uma palavra decisiva a dizer nas questões mundiais; simultaneamente, poderá tornar-se tanto num fator de grande relevância no progresso tecnológico e económico, como no centro cultural do

mundo. O poder existe, falta só a sua transformação em ato concreto”.<sup>27</sup> Quando deste “ato concreto” resultar a fundação da Federação Europeia, estaremos a um passo de testemunhar o impacto da “pedra” nos pés de ferro e cerâmica da estátua de Daniel 2. ♣

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

1. Paulo Lima, “Os quatro impérios de Daniel 2 – Parte I”, *Revista Adventista*, outubro de 2015, nº 821, pp. 6-11, e Paulo Lima, “Os quatro impérios de Daniel 2 – Parte II”, *Revista Adventista*, novembro de 2015, nº 822, pp. 6-11.
2. Leiam-se os seguintes artigos: Paulo Lima, “O destino da Europa – O reino dividido e o reino eterno de Daniel 2 (Parte I)”, *Revista Adventista*, março de 2016, nº 826, pp. 24-31, e Paulo Lima, “O destino da Europa – O reino dividido e o reino eterno de Daniel 2 (Parte II)”, *Revista Adventista*, abril de 2016, nº 827, pp. 22-29.
3. Paulo Lima, “O destino da Europa – O reino dividido e o reino eterno de Daniel 2 (Parte II)”, pp. 26-29.
4. Paulo Lima, “O destino da Europa – O reino dividido e o reino eterno de Daniel 2 (Parte I)”, pp. 28-30.
5. Paulo Lima, “Os quatro impérios de Daniel 2 – Parte II”, pp. 10 e 11.
6. Paulo Lima, “O destino da Europa – O reino dividido e o reino eterno de Daniel 2 (Parte I)”, pp. 25 e 26.
7. *Idem*, pp. 27 e 28.
8. Para uma história das invasões do Império Romano pelos povos bárbaros germânicos, veja-se Lucien Musset, *Les invasions – Les vagues germaniques* (Nouvelle Clío, nº 12), Paris: Presses Universitaires de France, 1965; Pierre Riché, *Les invasions barbares*, Paris: Presses Universitaires de France, 1968, e Jean-Pierre Leguay, *L'Europe des États barbares – Ve-VIII siècles*, Paris: Belin, 2002. Para uma breve história dos reinos bárbaros entre o V e o VII séculos, veja-se, John B. Harrison & Richard E. Sullivan, *A Short History of Western Civilization*, 3<sup>rd</sup> ed., New York: Alfred A. Knopf, 1971, pp. 266-279.
9. Os seguintes autores Adventistas concordam que os dez dedos dos pés da estátua – que constituem o “reino dividido” – são o símbolo dos dez povos bárbaros germânicos e dos dez reinos autônomos que destruíram e substituíram o Império Romano e, também, das nações europeias que têm as suas raízes históricas neles: C. Mervyn Maxwell, *God Cares – The Message of Daniel for You and Your Family*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 1981, pp. 36 e 37; Pierre Lanarès, *Qui dominera le monde?* Dammarie-les-Lys: Editions SDT, 1960, pp. 32-41; Gerhard Pfandl, *Daniel, the Seer of Babylon*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004, pp. 28 e 29; Roy Allan Anderson, *Unveiling Daniel and Revelation*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2006, pp. 52 e 53; Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel – Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, pp. 33-35; Uriah Smith, *The Prophecies of Daniel and the Revelation*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1972 (1<sup>st</sup> ed. Rev. 1944), pp. 57-63; Jean Vuilleumier, *Les prophécies de Daniel et leur accomplissement historique*, Genève: Société Internationale de Traités, 1906, pp. 39-46.
10. Para uma história da Igreja no período da Alta Idade Média veja-se Williston Walker, *A History of the Christian Church*, 3<sup>rd</sup> ed., New York: Charles Scribner's Sons, 1970, pp. 179-215.

11. Gheorghe Ceausescu, *Nascimento e formação da Europa*, Lisboa: Fim de Século, 2007, p. 183.
12. Mário Bastianetto, *História dos Europeus*, Coimbra: Arménio Amado Editor, 1971, p. 13.
13. Sobre as raízes gregas, romanas, cristãs e germânicas da Europa veja-se Gheorghe Ceausescu, “A definição de uma identidade”, *Nascimento e formação da Europa*, pp. 53-69, e Mário Bastianetto, “Os fundamentos do homem europeu”, *História dos Europeus*, pp. 5-15.
14. Paulo Lima, “O destino da Europa – O reino dividido e o reino eterno de Daniel 2 (Parte I)”, pp. 27 e 28.
15. *Idem*, pp. 28-30.
16. *Os grandes acontecimentos do século XX*, Lisboa: Seleções do Reader's Digest, 1979, p. 12.
17. As tentativas unificadoras dos líderes europeus mencionados estão descritas brevemente em Jean Zurcher, *L'avenir de l'Union Européenne à la lumière de la prophétie biblique*, Dammarie-les-Lys: Éditions Vie et Santé, 2000, pp. 87-97.
18. Para a história do processo de “integração europeia”, veja-se François Roth, *L'invention de l'Europe – De l'Europe de Jean Monnet à l'Union européenne*, Paris: Armand Colin, 2005; Charles Zorgbibe, *Histoire de la construction européenne de 1945 à nos jours*, [s.l.]: Editions Complexe, 1996; Philippe Valade, *Histoire de l'Europe – L'idée européenne de 1945 à l'élargissement à 25 membres*, Paris: Editions De Vecchi, 2004.
19. Sobre o Tratado de Lisboa e os seus aspetos federativos, leia-se Jacques Ziller, *O Tratado de Lisboa*, Alfragide: Texto Editores, 2010.
20. Para a história do europeísmo veja-se Mário Bastianetto, *História dos Europeus*, Coimbra: Arménio Amado Editor, 1971, e Gheorghe Ceausescu, “História da ideia europeia”, *Nascimento e formação da Europa*, Lisboa: Fim de Século, 2007, pp. 71-113.
21. William Shea, *Daniel – A Reader's Guide*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2005, p. 103; Gerhard Pfandl, *Daniel, the Seer of Babylon*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004, pp. 29; veja-se também Roy Allan Anderson, *Unveiling Daniel and Revelation*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2006, p. 53 e C. Mervyn Maxwell, *God Cares – The Message of Daniel for You and Your Family*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 1981, p. 37.
22. A ideia de que Daniel 2 prevê uma aliança federativa das nações europeias no tempo do fim é também defendida por Stephen R. Miller, *Daniel* (The New American Commentary, vol. 18), Nashville, Tenn.: B. & H., 1994, p. 99.
23. Veja-se a Tese de Mestrado: Paulo Lima, *Les dix rois – Une interprétation d'Apocalypse 17:12-14, 16-17*, Mémoire de Master en Théologie, 2010. Os seguintes autores Adventistas também estabelecem a relação que mencionámos entre os dez dedos dos pés da estátua de Daniel 2 e as dez pontas (i.e., os dez reis) de Apocalipse 17: Jean Zurcher, *L'avenir de l'Union Européenne à la lumière de la prophétie biblique*, Dammarie-les-Lys: Éditions Vie et Santé, 2000, pp. 139 e 140; Zdravko Stefanovic, *Daniel, Wisdom to the Wise*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2007, p. 104; Veja-se também Francis D. Nichol (ed.), *A Verse by Verse Commentary on Daniel and the Revelation* (Sections of Volume IV and VII of the Seventh-day Adventist Bible Commentary), Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980 (1<sup>st</sup> ed., 1957), p. 776.
24. Joseph Ratzinger [Bento XVI], “Europa, os seus fundamentos espirituais ontem, hoje e amanhã”, in *Os fundamentos espirituais da Europa*, Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2011, p. 51.
25. Joseph Ratzinger [Bento XVI], “Uma herança responsabilizante para os Cristãos”, in *Os fundamentos espirituais da Europa*, Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2011, p. 26.
26. Para uma percepção atual da política estrangeira da União Europeia, veja-se Maxime Lefebvre, *La politique étrangère européenne*, Paris: Presses Universitaires de France, 2011.
27. Gheorghe Ceausescu, *Nascimento e formação da Europa*, Lisboa: Fim de Século, 2007, p. 9.

## SEMINÁRIO “BOAS NOTÍCIAS PARA A TUA FAMÍLIA” EM COIMBRA

**Carlos Santos**  
 Dep. de Relações Públicas  
 IASD de Coimbra

“Boas Notícias para a Tua Família.” Foi este o título sob o qual o Pr. Roberto Badenas apresentou, entre nós, uma interessante série de mensagens. Este evento decorreu no Auditório da igreja de Coimbra, entre os dias 19 e 27 do mês de fevereiro do corrente ano. O Pastor, Professor e Conferencista Roberto Badenas, tendo como intérprete o Pr. José Lagoa, conseguiu alertar e sensibilizar as famílias cristãs para a necessidade de observarem, religiosamente, certos princípios inspirados das Escrituras e do Espírito de Profecia, a fim de se prepararem para estes dias difíceis que ameaçam

estrangular o mundo contemporâneo. Foram muito diversos os temas que atraíram a atenção não só da assistência presente, como também daqueles que, crentes ou não, por opção ou por impossibilidade, seguiram pela *Internet* tão importantes conselhos. O Pr. Roberto Badenas conseguiu mesclar as suas experiências pessoais e os temas abordados com algum fino humor, uma boa maneira de mobilizar e captar a atenção dos seus ouvintes. O espaço não permite que desenvolvamos em traços largos os temas em concreto, mas destacamos alguns. Precisamos, em termos práticos e objetivos, “de saber como amar os que nos estão próximos e os de longe; de não introduzir cavalos de Troia nas nossas casas; de saber ultrapassar adversidades



latentes ou, pontualmente, emergentes; de prestar atenção aos deveres essenciais entre pais e filhos; de reconhecer a necessidade de exercitar a compreensão em cada lar; de considerar, de forma sensata e serena, os compromissos assumidos entre os casais e os filhos”. No último dia da sua presença, a igreja

de Coimbra, representada pela pessoa do Pr. José Lagoa, e em nome dos seus membros, teve o prazer de presentear o nosso ilustre irmão visitante com o livro *Coimbra, Cidade do Conhecimento* e com uma sugestiva peça artística destinada a lembrar-lhe o Templo que, carinhosamente, o recebeu, e no qual nos falou. ✦

## BATISMO EM COIMBRA

**Carlos Santos**  
 Dep. de Relações Públicas  
 IASD de Coimbra

Faltavam pouco mais de quinze minutos para as seis horas da tarde de sábado, dia 27 de fevereiro, quando a jovem Bruna Filipa de Oliveira Martins desceu às águas do batistério da igreja de Coimbra. Foi também para ela um sábado duplamente feliz, pois completava neste mesmo dia treze anos. Foi uma Cerimónia Batismal marcada pela simplicidade. A Bruna Martins apresentou-se perante a assembleia com uma presença muito serena, muito compenetrada,

ciente da importância do ato público que ia realizar perante Deus e a igreja. Os momentos solenes que se seguiram foram presididos pelo Pr. José Lagoa, tendo, na circunstância, como

seus adjuntos, o irmão Paulo Peixoto, na qualidade de Ancião, e o irmão Fernando Esteves, como Instrutor Bíblico da jovem Bruna. Registamos, apesar da sua juventude, a forma firme

e muito convicta como a Bruna Martins respondeu às perguntas que lhe foram dirigidas momentos antes de se dirigir às águas para o seu batismo, conforme a comissão evangélica de Jesus. A entrega do respetivo Diploma foi realizada pela mão do Ancião Paulo Peixoto. Seguiu-se a oferta de dois livros do Espírito de Profecia e de arranjos florais e, por último, os beijos e os apertados abraços, sempre amistosos e simpáticos no final destas cerimónias tão marcantes na vida dos novos irmãos. Desejamos à Bruna Martins que guarde todos os dias no seu coração as Palavras da Vida com que foi devidamente instruída. ✦





## DESCANSOU NO SENHOR

Departamento de Comunicações da IASD do Barreiro



O Pr. **Arnaldo Borges Macedo** nasceu no Porto, no popular Bairro das Fontainhas, em 9 de fevereiro de 1921, filho de um sapaiteiro. Cedo foi habituado a colaborar com o pai e com frequência deslocava-se a casa dos clientes para entregar os trabalhos acabados, percorrendo por vezes grandes distâncias. Talvez tenha nascido aí o seu gosto por caminhar, que ao longo dos anos, sem dúvida, beneficiou a sua saúde. Depois de completar o ensino obrigatório, continuou a estudar, tendo ingressado na Escola Faria Guimarães, no Curso de Artes Decorativas, onde completou o 4º ano. Aprendeu música e, na sua juventude, tocou violino num grupo musical que era convidado a atuar em bai-

les e festas. Conheceu então Maria Alice Ferreira, com quem veio a casar em 1947. Desse casamento nasceram três filhos: Carlos, Isménio e José Mário. Em 1950, entrou pela primeira vez numa igreja Adventista, levado por um vizinho (o Ir. Alexandre Dias, tio do Pastor Joaquim Dias), que já há algum tempo o convidava para assistir a uma pregação na igreja do Porto. Gostou e nunca mais saiu, tendo sido batizado em 1951 e tendo conseguido também converter a sua esposa. O seu desejo de conhecer a Bíblia era muito grande. Lia-a diariamente, o que o levou a um profundo conhecimento da mesma. Devido ao seu dinamismo e conhecimento, começou a ser convidado pelos Pastores que passaram pela igreja do Porto (Pr. José J. Pires, Pr. José Abella, Pr. Vítor Martinez e Pr. António Baião) a colaborar na igreja e junto dos grupos de Vila do Conde, Vila Meã (Amarante) e Sardão (Oliveira do Douro). Foi convidado pelo Pastor Orlando Costa a entrar na Colportagem, tendo exerci-

do a sua atividade no Norte do país, com bastante sucesso. Daí surge novo convite, desta vez para exercer a colportagem, primeiro na Guiné e depois em Cabo Verde, tendo aí também dado apoio na área pastoral. Regressou algum tempo depois. Surge então o convite feito pelo Presidente nessa época, o Pr. Armando Casaca, para ingressar no Ministério, tendo sido colocado em janeiro de 1964 na igreja da Figueira da Foz, inicialmente com o intuito de colaborar com o Pr. Samuel Reis, então Pastor da igreja de Coimbra. Nesse período, começa por fazer trabalho missionário porta a porta em Santana e distribuição de literatura, na sequência do qual se abriu uma igreja nessa localidade. Desloca-se também com frequência à Marinha Grande para divulgar a mensagem. Em agosto de 1967 é transferido para as igrejas do Barreiro e da Baixa da Banheira, pelas quais teve sempre um carinho especial e onde ainda hoje é recordado por muitos irmãos. Aqui permaneceu até maio de 1973, sendo

transferido, então, para as igrejas de Aveiro, Sangalhos e Vila Nova de Monsarros. Foi ainda, nessa altura, responsável pelos grupos de Pessegueiro do Vouga e de Águeda. Em janeiro de 1980 é colocado na igreja de Faro, onde dá apoio também aos grupos da Lagoa, Portimão e Mexilhoeira, bem como ainda à igreja de Vila Real de Santo António. No verão de 1982 é transferido para as igrejas de Tomar, Abrantes e Entroncamento, onde termina a sua carreira pastoral e onde continuou a residir e a colaborar. Nesse período mostrou-se sempre disponível a servir a Igreja onde quer que a sua ação fosse solicitada, como foi o caso do grupo de Santo André, perto de Sines. Onde quer que fosse, estava sempre disponível a exercer o ministério da Palavra. Há cerca de quatro anos foi residir para o Porto, tendo aí falecido no dia 23 de março de 2016. Aguarda agora a ressurreição na breve vinda de Cristo, onde com certeza o iremos rever. Deixamos as nossas condolências à família enlutada. ✨

## NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



### SOLIDARIEDADE COM OS BELGAS

Ad7/RA

Líderes da Igreja expressaram as suas condolências aos familiares das vítimas do atentado em Bruxelas e oraram pela segurança do país. Dor, medo e insegurança tomaram conta de Bruxelas, capital da Bélgica, depois das explosões que atingiram

o terminal de embarque do aeroporto de Zaventem e a estação de metro no dia 22 de março. Segundo o Ministério do Interior belga, os atentados, cuja autoria foi reivindicada pelo autoproclamado Estado Islâmico, fizeram 35 mortos e mais de 200 feridos. Na sua página do Facebook, Ted Wilson, presidente mundial da Igreja

Adventista do Sétimo Dia, expressou a sua solidariedade para com os familiares das vítimas. O pastor diz na referida rede social que está a orar pela população da Bélgica e que espera que os membros da Igreja no país sejam “uma força espiritual para os que estão a passar por dificuldades”. “Hoje, durante as reuniões na Conferência

Geral da Igreja, nós orámos pelo país, pelos nossos membros e pelas famílias afetadas por esta terrível tragédia”, informou. Wilson lembrou que, no dia 19 de março, cerca de 300 fiéis percorreram as ruas de Bruxelas, distribuindo folhetos com mensagens de paz durante o Dia Mundial da Juventude Adventista. “Que os nossos



jovens e restantes membros continuem a revelar Cristo por meio de um ministério de amor e compaixão durante esta situação traumática”, acrescentou. Na rede social, o pastor Ted Wilson informou que uma das explosões

provocadas pelos terroristas ocorreu perto do escritório da sede Adventista belga. Porém, segundo líderes da Igreja, nenhum funcionário ou membro da organização foi afetado. O presidente da Igreja Adventista na Bélgica,

pastor Jeroen Tuinstra, referiu que poderia ter sido também atingido pela explosão se, como de costume, tivesse ido de metro para o trabalho. É seu hábito passar pela estação, justamente no horário em que foram registradas as

explosões. Porém, o pastor disse que na terça-feira decidiu deslocar-se no seu próprio carro. Tuinstra salientou que a Igreja na Bélgica está a orar de forma incessante pelas famílias das vítimas e pela segurança do país. ✦

## LÍDERES ADVENTISTAS NA COSTA DO MARFIM DEFENDEM A PAZ

ANN/RA

Os líderes religiosos da Costa do Marfim, país da África Ocidental, apelaram à elaboração de uma resposta unida perante a violência desencadeada pelos extremistas islâmicos. Numa cimeira realizada a 18 de março, em Abidjan, na sede da Divisão Centro-Oeste Africana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, os líderes religiosos de muitas e diferentes comunidades de fé apelaram ao povo da Costa do Marfim para que rejeite a intolerância e a violência cometidas em nome da religião. Esta cimeira foi realizada na sequência do ataque jihadista efetuado cinco dias antes contra a estância balnear de

Grand-Bassam. A Al-Qaeda do Magrebe Islâmico reclamou a responsabilidade pelo ataque, durante o qual três homens armados penetraram no Hotel *Étoile du Sud*, tendo causado 19 mortos e 23 feridos. A cimeira de 18 de março em Abidjan foi coordenada pelo Fórum Nacional das Confissões Religiosas da Costa do Marfim e incluiu representantes de muitos grupos Protestantes, bem como de Católicos, Muçulmanos e Budistas. O Pastor Elie Weick-Dido, presidente da Divisão, acolheu os líderes religiosos marfinenses e reafirmou o desejo da Igreja Adventista do Sétimo Dia em contribuir para a construção de uma cultura de paz e de tolerância. O Imam Mahama-

dou Dosso, Vice-Presidente do Conselho Nacional Islâmico e porta-voz do Fórum Nacional das Confissões Religiosas da Costa do Marfim, leu uma declaração conjunta em nome do Fórum. Nessa declaração os líderes religiosos marfinenses condenaram o ato terrorista em Grand-Bassam e exprimiram a sua profunda compaixão pelas vítimas e pelas respetivas famílias. A declaração apelava a que todos os cidadãos, crentes ou não, adotassem uma coexistência pacífica e rejeitassem qualquer forma de violência em nome da religião. O atentado realizado em Grand-Bassam por extremistas islâmicos abalou a Costa do Marfim, a qual tem vindo a dar passos decididos a fim

de construir uma sociedade mais forte e mais estável, depois de vários anos de conflito político-militar. Na Cimeira, o Pastor Irineo Koch, Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da Divisão, convidou os representantes do Fórum Nacional das Confissões Religiosas para estarem presentes no 8º Congresso Mundial da Liberdade Religiosa. Este Congresso decorrerá em Fort Lauderdale, nos Estados Unidos da América, de 22 a 24 de agosto, e será organizado pela Associação Internacional de Liberdade Religiosa, afeta à Igreja Adventista do Sétimo Dia. O tema será “A liberdade religiosa e a esperança de uma coexistência pacífica”. ✦

CAMPANHA DE  
EVANGELIZAÇÃO  
MAIO 2016

INFORME-SE NA SUA  
IGREJA LOCAL.

UM NOVO  
HORIZONTE  
com  
SENTIDO

PARÁBOLAS PARA OS NOSSOS DIAS



# Evangelismo Pessoal

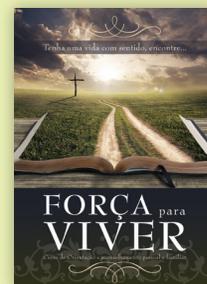
TRANSFORME O SEU LAR NUMA IGREJA!

## Cursos

Uma Hora com a Sua Bíblia



Crenças Adventistas para Crianças



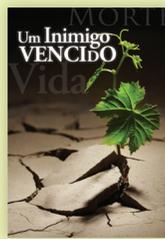
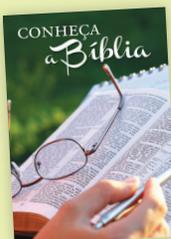
Estudos Bíblicos

Visite | [evangelismo.adventistas.org.pt](http://evangelismo.adventistas.org.pt)

## Curso



Bíblia / Morte / Dor / Sábado



## Folhetos

# A Europa unida: sim *ou* não?

**7** de fevereiro de 1992. Na cidade holandesa de Maastricht era assinado o Tratado que ficou conhecido pelo nome dessa cidade, mas também como o Tratado da União Europeia. Iria entrar em vigor a 1 de novembro de 1993 e, entre outras coisas, iria substituir a Comunidade Económica Europeia (CEE) pela União Europeia

(UE), porque, pela primeira vez, se admitia de maneira clara e formal que a Comunidade Europeia seria, doravante, não meramente uma Comunidade de países europeus de caráter económico, mas igualmente uma Comunidade

com caráter monetário e até político. O Tratado de Maastricht (que substituíra o Tratado de Roma, de 1957) criava, por isso, um calendário bem preciso para a entrada em funcionamento de uma moeda única europeia antes do final da década de 1990.





Na altura, estando eu em França (durante os meus estudos na Faculdade Adventista de Teologia de Collonges-sous-Salève), tomei conhecimento de que o governo francês distribuiu gratuitamente, pelos correios, em todos os lares franceses, um panfleto informativo sobre o Tratado de Maastricht. Lembro-me igualmente de, nessa época, ter ouvido alguns comentários entre Adventistas do Sétimo dia, alegando estes que tal União nunca se viria a concretizar e que a moeda única europeia nunca passaria de uma mera intenção. Recordo-me igualmente de que, nessa altura, ousei afirmar que acreditava plenamente que viríamos a ter uma moeda única europeia e que a união da Europa seria uma realidade. Mais de 24 anos depois do Tratado de Maastricht, a moeda única europeia (batizada “Euro” aquando da Cimeira de Madrid, em dezembro de 1995) é uma realidade incontestável em 19 dos 28 países que constituem atualmente a União Europeia.<sup>1</sup>



Os que se mostravam céticos relativamente à entrada em circulação de uma moeda única europeia e ao aprofundamento político da Europa tiravam as suas convicções da leitura da profecia de Daniel 2 e, particularmente, do versículo 43: “Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão mediante casamento, *mas não se ligarão um ao outro*, assim como o ferro não se mistura com o barro” (ênfase acrescentada). Estará esta profecia milenar a falhar precisamente neste período crucial da História, antes da Segunda Vinda de Cristo, depois de se ter mostrado verdadeira durante séculos? Será que teremos de rever a nossa interpretação tradicional da profecia de Daniel 2? Ou será apenas que alguns, no passado,

não conseguiram simplesmente explorar toda a riqueza da profecia de Daniel 2 à luz de outras profecias bíblicas?

### **A profecia de Daniel 2**

Antes de mais, deixem-me lembrar-vos aquilo que todos sabem a respeito da profecia de Daniel 2. Trata-se de uma profecia que cobre um vastíssimo período de tempo; nada mais, nada menos, do que um período aproximado (por excesso) de 2500 anos. Por esta mesma razão, facilmente se compreende que a profecia não entra em detalhes minuciosos sobre um qualquer período específico de tempo que faça parte integrante do período global de tempo a que ela se refere. Com isto pretendo apenas dizer que a profecia de Daniel 2 é como uma lente “grande angular” que permite ter uma visão sintética da História nas suas grandes linhas, linhas essas, contudo, que são perfeitamente suficientes para se visualizar um “fio condutor” da História extremamente compreensível. Contudo, *Daniel 2 não esgota todos os detalhes proféticos!* Se assim não fosse, não seriam

necessárias outras profecias (nomeadamente as profecias dos capítulos 7, 8, 9 e 11 do próprio livro de Daniel), que nada mais fazem do que ampliar a “matriz básica” fornecida por Daniel 2. A cena do julgamento no Céu, em Daniel 7:9-14 (com a correspondente explicação nos versículos 22, 26 e 27), a purificação do santuário, em Daniel 8:13, 14 e 26, em conexão íntima com o julgamento no Céu, a profecia das 70 semanas, em Daniel 9:24-27, e a especificidade do conflito entre o rei do Norte e o rei do Sul, em Daniel 11:5-45, são dados proféticos preciosíssimos que simplesmente não aparecem mencionados em Daniel 2. Contudo, não é menos verdade que estes dados proféticos que acabei de referir não seriam seguramente tão bem compreendidos, pelo menos sob o ponto de vista cronológico, se não fosse a tal “matriz básica” que nos é fornecida por Daniel 2. Resumindo: Daniel 2 é uma profecia extremamente importante, visto dar-nos uma imagem do quadro geral de acontecimentos. Contudo, por ser tão sintética, não poderia ser, obviamente,

muito analítica. Daniel 2 *dá-nos uma visão global do tempo* – desde os dias de Daniel (“depois disto” – Daniel 2:29) até aos “últimos dias” (Daniel 2:28) – *mas não nos dá uma compreensão pormenorizada de nenhum tempo específico, nomeadamente do tempo do fim*. Para ficarmos com uma noção mais precisa dos acontecimentos do tempo do fim, a profecia de Daniel 2 é pura e simplesmente insuficiente.<sup>2</sup> Este tem sido, a meu ver, o erro que, talvez de forma ingénua, se tem comumente cometido. E este erro seria simplesmente irrelevante, se não fosse responsável por lançar dúvidas sérias na mente de muitos estudantes da profecia bíblica, por verem a aparente incoerência entre o que “está profetizado” e a realidade que está diante dos nossos olhos.

### **Uma união global nos últimos dias**

Tal como atrás referi, assim como os outros capítulos proféticos do livro de Daniel lançam luz

adicional sobre a profecia específica de Daniel 2, assim também o livro de Apocalipse (livro do mesmo género literário do livro de Daniel) lança luz adicional não só sobre a profecia específica de Daniel 2, mas igualmente, e em particular, sobre os acontecimentos do tempo do fim. Ora é justamente no livro de Apocalipse que encontramos uma outra profecia específica que alarga consideravelmente, e de forma correta, a nossa compreensão de Daniel 2 e dos acontecimentos do tempo do fim. Trata-se da profecia que está contida em Apocalipse 16:13 e 14. Passo a transcrever o seu conteúdo: “Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta *três espíritos imundos* semelhantes a rãs; porque *eles são espíritos de demónios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los* para a peleja do grande Dia do Deus Todo-poderoso” (ênfase acrescentada). Leu bem? O que é que “espíritos de demónios” farão nos últimos dias

(esta passagem aparece no contexto do derramamento das sete últimas pragas)? Dirigir-se-ão “aos reis do mundo inteiro” (isto é, aos líderes máximos de todas as nações). Com que objetivo? “Com o fim de ajuntá-los.” Então, segundo esta profecia do livro de Apocalipse, haverá ou não uma tendência crescente para a unificação das nações entre si? Importa igualmente referir que a ação desses “espíritos de demónios” mencionados, que conduz os “reis do mundo inteiro” a uma união global, não acontecerá de um dia para o outro, mas será um processo gradual que atingirá o seu clímax no tempo do “Armagedom”.<sup>3</sup>

### **Como reconciliar as duas profecias?**

A profecia de Apocalipse 16:13 e 14, se bem que lance imensa luz sobre os acontecimentos do tempo do fim, não invalida, contudo, nenhum aspeto da profecia de Daniel 2. Parece contraditório o que acabo de referir? Não, não é! Daniel 2 afirma, e devemos acre-



ditar nisso, que “certo é o sonho, e fiel a sua interpretação” (Dan. 2:45). Portanto, se os “reinos” que existirão imediatamente antes que “o Deus do céu [suscite] um reino que não será jamais destruído” (Dan. 2:44), “não se ligarão um ao outro” (Dan. 2:43), então podemos ter a certeza de que assim será. Por outras palavras, esses “reinos” não estarão na verdade ligados na sua essência, ou seja, não haverá uma unidade real e genuína a uni-los, *mas* estarão estrategicamente ligados<sup>4</sup> entre si, com o único objetivo de poderem apresentar uma frente unida contra o povo de Deus. A crise final pela qual Jesus passou oferece-nos um exemplo perfeito do que acontecerá ao povo de Deus durante a crise final da história deste mundo. Também Jesus enfrentou, Ele próprio, a coligação de forças que nunca estariam coligadas entre si, não fosse a necessidade de Satanás apresentar uma frente unida contra Jesus: “Mas Herodes, juntamente com os da sua guarda, tratou-o com desprezo, e, escarnecendo dele, fê-lo vestir de um manto aparatoso, e o devolveu a Pilatos. Naquele mesmo dia, Herodes e Pilatos se reconciliaram, pois, antes, viviam inimizados um com o outro” (Lucas 23:11 e 12). Também fariseus e saduceus se coligaram contra Jesus (Mateus 16:1), mas isso não significava que se encontravam realmente ligados entre si, pois, anos mais tarde, já os encontramos de novo em conflito uns contra os outros (cf. Atos 23:6-8).

### Conclusão

Penso que o Leitor já deve ter visualizado o quadro completo. Teremos, no tempo do fim, uma Europa coligada, mas não verdadeiramente unida entre si. Esta é a realidade que todos nós podemos

observar atualmente. Reparem que a profecia de Apocalipse 16:13 e 14 não afirma que os “espíritos de demónios” “se dirigem” aos povos do mundo inteiro. Eles dirigem-se aos seus líderes, “aos reis do mundo inteiro”, porque, conseguindo um consentimento entre os líderes, os liderados acabam por seguir aqueles, mesmo se, por vezes, contrariados. Ora, a construção da unidade europeia está sendo feita, desde o início, não a partir das bases, dos povos, mas sim a partir das cúpulas institucionais político-administrativas.

No período histórico que se seguiu à ascensão de Cristo ao Céu e ao derramamento das “primeiras... chuvas” (Tiago 5:7) ou da “chuva temporã” (Joel 2:23) sobre a Igreja, esta pôde expandir-se facilmente porque o mundo mediterrânico estava quase inteiramente sob o controlo de um poder político-administrativo único – o poder da Roma Imperial. Isso trouxe muitas vantagens, pois não havia fronteiras no interior do Império Romano, as vias de comunicação terrestres e marítimas eram excelentes e assim, em poucos anos, o Evangelho espalhou-se de tal maneira que Paulo pôde dizer, em Colossenses 1:23, que o Evangelho “foi pregado a toda a criatura debaixo do céu”.

No período histórico que antecederá a vinda d’Aquele que “virá do modo como o vistes subir” (Atos 1:11), e sob o efeito das “últimas chuvas” (Tiago 5:17) ou da “chuva... serôdia” (Joel 2:23), também a Igreja remanescente usufruirá de muitas vantagens que lhe permitirão expandir facilmente a sua mensagem evangélica devido ao facto de o mundo estar sob o controlo de um poder único – o poder de Roma Papal, apoiado política e religiosamente pelos EUA (cf. Apocalipse 13) – unificação essa que fará com que não haja fronteiras

internas e com que as vias de comunicação (terrestres, aéreas e eletrónicas – incluindo a TV por satélite e a Internet) sejam excelentes para permitir que o Evangelho seja pregado “por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mateus 24:14).

Nada do que está a acontecer, caro Leitor, está fora do controlo d’Aquele que tudo comanda. As profecias bíblicas permitem-nos ter uma visão claríssima dos acontecimentos do tempo do fim. Elas são realmente, para nós que atendemos à sua mensagem pertinente, “uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em [nossos corações]” (II Pedro 1:19). †

• **Paulo Cordeiro**

Pastor

1. A Lituânia foi o último país a integrar a Eurozona (composta por países da UE cuja moeda é o Euro) no dia 1 de janeiro de 2015. Este foi o mais recente alargamento ocorrido desde 1 de janeiro de 2002, data em que o Euro entrou em circulação nos 12 países que inicialmente adotaram a moeda única europeia.

2. A profecia de Daniel 2 pode ser corretamente comparada a um mapa-múndi, ou planisfério, que nos permite ter uma visão global do Planeta. Contudo, se bem que tal visão nos permita ficar a conhecer, com rigor, a disposição dos países entre si (no caso de um mapa-múndi político), não nos permite conhecer detalhes muito significativos de cada país. Se quisermos viajar num determinado país, não é seguramente com um mapa-múndi que estaremos bem servidos, mas sim com o correspondente mapa desse país específico.

3. O Armagedom (ver Apocalipse 16:16), ao contrário do que afirma a esmagadora maioria dos Cristãos Evangélicos de hoje (que subscrevem a chamada visão dispensacionista da História) e ao contrário do que afirmaram alguns pensadores Adventistas no passado, não é uma guerra literal que irá ocorrer algures num local do Médio Oriente. Trata-se, isso sim, da última manifestação do Grande Conflito, em que todos os poderes da Terra coligados entre si tentarão lançar um derradeiro e decisivo ataque contra o povo de Deus.

4. Talvez se pudesse fazer um estudo etimológico aprofundado destas duas palavras usadas em Daniel 2:43 e Apocalipse 16:14, mas creio que facilmente se intui que “ligar” e “ajuntar” pode não significar necessariamente a mesma coisa. Duas coisas podem estar “juntas” (como o caso do ferro e da argila nos pés da estátua de Daniel 2) sem contudo estarem “ligadas” entre si. Outro exemplo, que é, aliás, referido no próprio texto bíblico de Daniel 2:43: duas pessoas podem estar “juntas” em casamento sem contudo se encontrarem verdadeiramente “ligadas” entre si. Da mesma maneira os “reinos” deste mundo no tempo do fim estarão “congregados” ou “juntos”, mas não necessariamente “ligados”.

# A Sinfonia nº 2 de Brahms

**H**á algum tempo, ao colocar a coleira à minha cadela, ela saiu a correr. Tendo 48 quilos, o animal exerceu força suficiente para partir o meu dedo anelar direito, o qual, depois de ser retirado da trela, ficou dolorosamente pendurado. Infelizmente, eu tinha de apanhar um voo transcontinental nas quatro horas seguintes, o que significava que não tinha tempo para ir ao médico. E dado que não queria cancelar o meu compromisso apenas por causa de um dedo partido, a minha esposa ligou-o e lá fui eu, no meu triste caminho.

No aeroporto, li um artigo do jornal *New Yorker* escrito pelo neurologista Oliver Sacks, no qual ele falava acerca de uma experiência quase mística que tinha vivido enquanto ouvia um concerto de Monteverdi. Talvez fosse a dor, não sei, mas subitamente quis tentar penetrar no mundo da música clássica. *Eu, numa de música clássica?* Durante 56 anos não tinha tido qualquer interesse por música, especialmente música clássica. Por favor! Eu preferia labutar no jardim da minha esposa a ter de ouvir esse barulho tolo, que, de qualquer maneira, me soava todo ao mesmo. Movido por um capricho (e talvez para me distrair do meu dedo doloroso), descarreguei alguma música de Beethoven para o meu *iPhone*. Subitamente, um interruptor ligou-se, e a minha vida nunca mais foi a mesma desde então. Não me consigo faltar, e tudo o resto parece-me agora muito banal. Um novo reino da existência, como

que uma quinta dimensão, abriu-se perante mim. Eu não tenho qualquer noção sobre como funciona esta música, mas o que me importa isso? O que me importa são as emoções que estes sons despertam em mim.

Recentemente escutei a Sinfonia nº 2 em Ré maior, *opus 73*, de Brahms. O primeiro andamento é tocado *allegro non troppo*. Ora bem, eu não consigo distinguir um *allegro non troppo* de um *Frapucino* de caramelo. Tudo o que sei é que esta obra deu-me uma das mais incríveis experiências estéticas que alguma vez tive. Esta sinfonia pareceu-me ser a mais bela de todas as criações humanas. Enquanto escutava, maravilhava-me: *Como pôde um ser humano ter pensado em algo como isto?* Arrebatado, percebi que, seja o que for que signifique ser “feito à imagem de Deus”, isso certamente inclui a criatividade. Transformar pensamentos na Sinfonia nº 2 de Brahms exigia um elo com o divino. Então percebi: Um engenheiro acústico poderia explicar tudo acerca dos sons, dos decibéis, dos comprimentos de onda e do tom da música; um fisiologista poderia explicar tudo acerca do ouvido – o martelo, a bigorna, os nervos que vão do ouvido ao cérebro; um neurologista poderia explicar tudo acerca dos neurónios que se iluminavam ao escutar a música, ou sobre os neurotransmissores que pulavam de axónio em axónio. No entanto, tudo o que a Ciência pudesse agora explicar ou venha a poder explicar nunca se aproximaria do que realmente conta: A razão por que a música me emocionava de modo tão

poderoso. O materialismo dogmático da Ciência não pode explicar esse elemento da realidade, como também uma lanterna acesa num quarto escuro não me pode revelar o sonho de um homem adormecido.

Não admira que o ateu Thomas Nagel tenha escrito *Mind and Cosmos: Why the Material Neo-Darwinian Conception of Nature is Almost Certainly False* (Mente e Cosmos: A Razão Por que a Conceção da Natureza Neo-Darwiniana Materialista é Quase Certamente Falsa). Para Nagel, a questão é óbvia: A tentativa da Ciência para explicar a vida, especialmente a consciência humana, em termos puramente materialistas e naturalistas, falhou miseravelmente. “O meu ceticismo”, escreve ele, “não é baseado em crenças religiosas ou na crença numa alternativa qualquer. É apenas a crença de que as evidências científicas disponíveis, apesar do consenso da opinião dos cientistas, não requerem que, sobre esta matéria, nós lhes subordinemos a incredulidade do senso comum” (p. 7). E, embora eu já compreendesse antes de escutar música clássica que a realidade é muito maior do que os estreitos parâmetros do materialismo científico, a segunda Sinfonia de Brahms ajudou-me a ver como ela é realmente muito maior. E ainda que tenha sido preciso um dedo partido para me fazer chegar aí (o qual teve de ser partido de novo, operado e unido com parafusos), valeu a pena. ✦

• Clifford Goldstein

Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina

# Graça extraordinária

**S**e a história de alguém tem feito a diferença no modo como os outros chegam ao conhecimento de Deus, esse certamente é o caso da história de John Newton. Nascido no início do século XVIII, John era filho de um comandante de um navio mercante. Ele passou a sua infância a navegar no Mar Mediterrâneo com o seu pai. Depois de o seu pai se reformar, John continuou embarcado em navios como aspirante, até ser despromovido a marinheiro, por ter desertado. A sua vida aparentemente piorou quando John se empregou ao serviço de um negociante de escravos e começou a trabalhar num navio negreiro. Por fim, John tornou-se comandante do seu próprio navio negreiro. Ele tinha desistido completamente de qualquer noção religiosa que pudesse ter colhido junto da sua mãe, quando era criança. Tornou-se num homem cínico e cheio de ódio, completamente destituído de bondade moral.



Esta era a sua história, até que, um dia, ela mudou radicalmente. John Newton estava a regressar

ao porto de origem numa das suas viagens quando deu de caras com uma tempestade violenta, que o levou a lançar um grito a Deus pedindo ajuda: “Senhor, tem misericórdia de nós!” Mais tarde, nessa mesma noite, depois de a tempestade ter terminado, John pôs-se a refletir calmamente sobre o seu encontro com Deus. As sementes da graça que foram plantadas no seu coração naquela noite, 10 de maio de 1748, germinaram até levá-lo a dar uma volta de 180° na sua vida. Como resultado da sua experiência ele escreveu a letra do conhecido hino “Graça Extraordinária”. Eis como ela começa:

*Graça extraordinária! (quão doce é o seu som)*

*Que salvou um miserável como eu!*

*Eu estive perdido, mas agora fui achado,*

*Estive cego, mas agora vejo.*

*Foi a graça que ensinou o meu coração a temer,*

*E a graça libertou-me dos meus temores;*

*Quão preciosa me pareceu essa graça,*

*Na hora em que eu comecei a crer! ♠*

Retirado da revista *Guide*



# Tesouro inesgotável

.....

**P**ode Ellen G. White ser considerada uma teóloga? Ao longo dos anos, várias pessoas têm respondido a esta pergunta partindo de diferentes perspectivas. Algumas argumentam que os teólogos são apenas aqueles que interpretam a Bíblia de uma forma técnica (exegética ou sistemática) e que Ellen G. White não se encaixa nesta categoria. Mas outras creem que são também teólogos os que contribuem com conceitos teológicos úteis, pelo que, nesse

sentido, ela pode ser considerada uma verdadeira teóloga.

Sem entrar nesta discussão, nós reconhecemos que os escritos de Ellen G. White são uma mina extremamente rica de conceitos teológicos. O presente artigo destaca apenas cinco destes conceitos.

## **A Bíblia como intérprete de si mesma**

O compromisso de Ellen G. White com o princípio Protestante de que a Bíblia é intérprete de si mesma é evidente em muitas

das suas declarações. Por exemplo, ela afirma que, no fim dos tempos, Deus terá um povo que vai manter “a Bíblia, e a Bíblia só, como a norma de todas as doutrinas e a base de todas as reformas. As opiniões de homens instruídos, as deduções da Ciência, os credos ou as decisões dos concílios eclesiásticos, tão numerosas e discordantes como são as igrejas que representam a voz da maioria –, nenhuma destas coisas, nem todas em conjunto, deveriam ser consideradas como prova a favor

ou contra qualquer ponto de fé religiosa. Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir em seu apoio um claro 'Assim diz o Senhor'” (*O Grande Conflito*, P. SerVir, p. 496).

Em relação à forma como a Bíblia deve ser estudada, vemos que Ellen G. White propõe um interessante equilíbrio entre a compreensão exegética de determinado texto bíblico e a analogia geral das Escrituras. De uma perspectiva mais exegética, Ellen G. White escreveu: “Mas muito pouco benefício se obtém de um estudo apressado das Escrituras. Uma pessoa pode ler toda a Bíblia e, não obstante, deixar de ver a sua beleza ou compreender o seu significado profundo e oculto. O estudo de uma passagem até que o seu significado seja claro à mente e a sua relação com o Plano da Salvação seja evidente, é de mais valor do que a leitura de muitos capítulos sem nenhum propósito definido em vista e nenhuma instrução positiva alcançada” (*Aos Pés de Cristo*, P. SerVir, pp. 105 e 106). Com ênfase na analogia das Escrituras, ela acrescentou: “Quando pesquisar as Escrituras com fervoroso desejo de aprender a verdade, Deus lhe comunicará o Seu Espírito ao coração e lhe impressionará a mente com a luz da sua Palavra. A Bíblia é o seu próprio intérprete, uma passagem explicando outra. Mediante a comparação de textos referentes aos mesmos assuntos, verá beleza e harmonia com que nunca sonhou. Não há nenhum outro livro cujo manuseio fortaleça, amplie, eleve e enobreça tanto o espírito como o Livro dos livros” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 4, p. 499).

O compromisso de Ellen G. White com o princípio de que a Bíblia é a intérprete de si mesma

é igualmente evidente na forma como ela permitiu que a Bíblia se auto-interpretasse. Por exemplo, ela interpretou a semana da Criação (Gén. 1 e 2), a Queda de Adão e Eva (Gén. 3), o dilúvio universal (Gén. 6-8), a destruição de Sodoma e Gomorra (Gén. 19:23-29), o Êxodo (Êxo. 1-19) e a história de Jonas (Jon. 1-4) como factos históricos confiáveis, exatamente como os escritores do Novo Testamento os consideraram (ver Alberto R. Timm, “*Sola Scriptura* and Ellen G. White: Historical Reflections”, in Merlin D. Burt, Jiri Moskala e Alberto R. Timm [eds.], *The Gift of Prophecy in Scripture and History*, 2015). Além disso, os escritos dela funcionam como “um filtro profético de origem divina”, capaz de remover as falsas interpretações artificialmente impostas à Bíblia, permitindo que a Palavra de Deus se interprete a si mesma e influencie a nossa vida com a sua mensagem transformadora.

### A moldura do “Grande Conflito”

Uma das mais significativas contribuições teológicas de Ellen G. White é a sua compreensão do grande conflito cósmico-histórico entre o Bem e o Mal, conforme descrito na sua visão de 14 de março de 1858 (ver *Primeiros Escritos*, pp. 145-295) e extensamente apresentado nos cinco volumes da série “O Grande Conflito”: *Patriarcas e Profetas* (1890), *Profetas e Reis* (1916), *O Desejado de Todas as Nações* (1898), *Atos dos Apóstolos* (1911), *O Grande Conflito* (1888, revisto em 1911). Ela descreveu esse conflito como tendo começado no Céu com a rebelião de Lúcifer, prosseguido ao longo da história humana e terminando com a erradicação final

do pecado e de todos os pecadores impenitentes (ver Apoc. 12).

Para Ellen G. White, o estudante da Bíblia “deve aprender a ver a Palavra como um todo, bem como a relação das suas partes. Deve obter conhecimento do seu grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do Grande Conflito e da obra da redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia e aprender a delinear a sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação. Deve ver como esse conflito penetra em todos os aspectos da experiência humana; como em cada ato da sua vida ele mesmo revela um ou o outro daqueles dois princípios antagônicos; e como, querendo ou não, ele está mesmo agora a decidir de que lado do conflito estará” (*Educação*, p. 190).

PARA ELLEN  
G. WHITE, O  
ESTUDANTE DA  
BÍBLIA “DEVE  
APRENDER A VER  
A PALAVRA COMO  
UM TODO, BEM  
COMO A RELAÇÃO  
DAS SUAS PARTES”.

Tendo o seu ponto focal no caráter de Deus, tal como está expresso na Sua Lei, este conflito provê uma moldura teológica que explica as contínuas disputas entre a verdade e o erro, entre “os que guardam os mandamentos de Deus” e os que adoram “a besta e a sua imagem” (Apoc. 12:17; 14:9-12). Nesta disputa, Satanás levou muitos Cristãos a crer “que a lei dos Dez Mandamentos também havia morrido com Cristo” na Cruz (*Primeiros Escritos*, p. 215) e que “as reivindicações de Cristo são menos estritas do que uma vez creram” (*Testemunhos para Ministros*, p. 474). Na realidade, “Satanás quer que todo o transgressor da Lei de Deus pretenda ser santo” (*Evangelismo*, p. 597).

A moldura do Grande Conflito não provê nenhum espaço para compreensões ecumênicas ou pluralistas das verdades bíblicas.

### O sistema doutrinário

Outra importante contribuição teológica de Ellen G. White é a sua compreensão de que a mensagem Adventista forma um sistema doutrinário harmônico e coerente. Ela declarou: “A verdade para este tempo é ampla nos seus contornos, de vasto alcance, abrangendo muitas doutrinas;

estas, porém, não são unidades destacadas, de pouca significação; são unidas por áureos fios, formando um todo completo, tendo Cristo como o centro vivo. As verdades que apresentamos da Bíblia são tão firmes e inabaláveis como o trono de Deus” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 87).

Ellen G. White referiu-se às três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 como três degraus de acesso à “sólida plataforma inamovível” da verdade para o tempo do fim (*Primeiros Escritos*, pp. 258 e 259). Para a Mensageira do Senhor o santuário de Daniel 8:14 foi a chave que “desvendou o mistério do desapontamento de 1844” e revelou um sistema “completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si” (*O Grande Conflito*, P. SerVir, p. 353). Consequentemente, ela considerou estes dois assuntos – as três mensagens angélicas e o santuário – como temas fundamentais da mensagem Adventista, “perfeitamente apropriados para esclarecer o passado movimento Adventista e mostrar qual é a nossa presente posição, estabelecer a fé do vacilante e dar a certeza do glorioso futuro” (*Primeiros Escritos*, p. 63).

### Centros teológicos concêntricos

Richard M. Davidson descobriu nos escritos de Ellen G. White sete componentes doutrinários a que a Mensageira do Senhor deu o nome de “centro”: A Criação, o Conflito Cósmico, o caráter de Deus, o Plano da Redenção, Cristo, a Cruz e o Santuário. Para Davidson, que escreveu sobre o assunto num capítulo do livro *Christ, Salvation and the Eschaton*, publicado pela Universidade de Andrews em 2009, estes centros não estão isolados, mas todos são parte de um completo sistema de verdades, com um “centro multifacetado” envolvendo “círculos concêntricos”. Usando uma ilustração mais comum, esses círculos podem ser comparados às várias camadas de uma cebola partida ao meio. Todas as camadas são centros, dependendo da perspectiva que temos delas.

Mas devemos reconhecer que todos os círculos concêntricos convergem em Cristo e na Sua obra expiatória. Assim, Ellen G. White podia afirmar apropriadamente que “Cristo é o centro de toda a verdadeira doutrina” (*Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 453). Na realida-





de, “Cristo, no Seu caráter e na Sua obra, é o centro e a circunferência de toda a verdade. Ele é a cadeia que liga as joias da doutrina. N’Ele se encontra o inteiro sistema da verdade” (*Nossa Alta Vocação*, p. 11). “Todas as grandes verdades das Escrituras se centralizam em Cristo; devidamente compreendidas, todas levam a Ele. Seja Cristo apresentado como o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim do grande Plano da Redenção” (*Evangelismo*, p. 485).

A teologia concêntrica de Ellen G. White é bem expressa na seguinte declaração: “Há uma grande verdade central, que sempre devemos conservar em mente no estudo das Escrituras: Cristo, e Ele crucificado. Todas as demais verdades são revestidas de influência e poder na sua correspondente relação com este tema. É unicamente à luz da Cruz que podemos discernir o exaltado caráter da Lei de Deus” (*Comentários de Ellen White em Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, vol. 6, p. 1207).

### **Esboço profético do tempo do fim**

Uma quinta importante contribuição teológica de Ellen G. White é o seu significativo esboço profético dos eventos do tempo do fim, como se encontram no seu livro clássico *O Grande Conflito* e na compilação retirada dos

seus escritos que se intitula *Eventos Finais* (1992). A sua exposição das profecias bíblicas é extremamente significativa para o nosso mundo, que se transformou num imenso mosaico filosófico, ideológico e religioso.

As predições de Ellen G. White incluem, por exemplo, o rápido crescimento do Espiritismo (*Primeiros Escritos*, pp. 262-266); o fortalecimento do Papado (*O Grande Conflito*, p. SerVir, pp. 469-483); a popularização dos reavivamentos pentecostais e carismáticos (*Idem*, pp. 385 e 386); e a “tríplice aliança” entre o Catolicismo Romano, o Protestantismo e o Espiritismo (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 451). Uma leitura de *O Grande Conflito* deixa-nos com a impressão de que ele foi escrito apenas há alguns meses. O mundo está a assumir cada vez mais a configuração geral predita por Ellen G. White há mais de um século.

É tranquilizador saber que Deus está a conduzir a História até ao seu clímax vitorioso, quando todos os santos e as hostes celestiais se alegrarão com o cumprimento da tão acalentada promessa: “O Grande Conflito terminou. Pecado e pecadores já não existem. O Universo inteiro está purificado. Um sentimento único de harmonia e júbilo vibra por toda a vasta Criação. D’Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria para todos os do-

mínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, na sua serena beleza e perfeito regozijo, declaram que Deus é amor” (*O Grande Conflito*, P. SerVir, p. 564).

Os escritos de Ellen G. White são realmente uma rica mina de conceitos teológicos. Ela chama a nossa atenção para (1) a Bíblia como intérprete de si mesma; (2) o grande conflito cósmico-histórico como moldura teológica para a compreensão da história humana; (3) o harmonioso e coerente sistema doutrinário das verdades bíblicas; (4) os centros teológicos concêntricos focalizados em Cristo e na Sua obra expiatória; e (5) o esboço profético do tempo do fim, indicando o caminho para o reino eterno.

Muitos leitores honestos e sinceros têm sido estimulados pelos escritos de Ellen G. White a fazer da Bíblia o verdadeiro fundamento da sua fé e prática, bem como a fortalecer o seu relacionamento pessoal com Cristo como Salvador e Senhor. Muitas bênçãos estão envolvidas na promessa: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis” (II Cró. 20:20). Cada um de nós precisa de receber estas bênçãos. ✨

**• Alberto R. Timm**

*Diretor-Associado do White Estate*



# Esquecer o passado negativo

Quantos problemas, inimizades e separações acontecem por causa do passado mal resolvido! Lembro-me de ter ouvido a história de três irmãs que, no dia do funeral da mãe, revelaram um passado cheio de mágoas. Quando ainda eram jovens, duas das irmãs emigraram para a França e a outra permaneceu em Portugal e continuou a viver com a mãe, cuidando dela até ao dia da sua morte. No dia do funeral, a filha que sempre viveu com a mãe proi-

biu as irmãs de se despedirem dela no caixão, alegando que tinham abandonado a mãe para irem viver no estrangeiro. Houve uma grande discussão, tanto na igreja, como no cemitério!

Os factos da vida são dinâmicos, mas há algo que, pelo menos de forma concreta e factual, não se altera: o passado. O dicionário define “Passado” como algo que está acabado, completo e que já não pode voltar a acontecer exatamente do mesmo modo. Certamente, de forma física, nunca poderemos

voltar atrás: estar exatamente no mesmo lugar, com as mesmas pessoas, no mesmo tempo, nas mesmas circunstâncias e fazendo as mesmas coisas. Não podemos voltar atrás no tempo para apagar as coisas negativas que fizemos, nem para realizar o que gostaríamos de ter feito.

Cada pessoa tem a liberdade de escolher o caminho da vitimização ou, pelo contrário, da aceitação da realidade dos factos e encarar o sentimento de tristeza e de injustiça que as pessoas e as circuns-



## Deus dá-nos sabedoria para extrairmos as coisas boas do passado e vivermos o presente com alegria e intensidade.

tâncias do passado provocaram, fazendo algo para mudar esse estado de coisas. Podemos aprender com o passado e viver com ele de forma positiva ou ficar dependentes dele. A escolha é sempre nossa.

Todos já sofreram devido a algo relacionado com o passado e essa realidade contribuiu para que a infelicidade e a tristeza fizessem parte da vida. Ser infeliz é uma escolha pessoal, mas sentir-se infeliz é um estado emocional do momento. Sentir-se infeliz ou triste não é a mesma coisa que

ser infeliz ou triste. Aquilo que alguém fez contra si no passado pode não ter poder sobre o seu presente. Só o Leitor pode dar-lhe esse poder! Só o Leitor pode beber o veneno do ódio!

Em relação ao seu passado negativo, há apenas duas escolhas a fazer: ou aprende com o que lhe sucedeu ou vive com o seu tormento para o resto da vida. E para libertar-se do passado negativo, é necessário muita força de vontade e muita coragem, pois terá que aceitar o facto de que algumas coisas que fez não correram bem ou que sofreu alguma injustiça ou ainda que, em alguma altura da sua vida, andou por caminhos inadequados e que, eventualmente, cometeu alguns erros.

### **O passado positivo é um aliado**

Através da Psicologia, sabemos que não é possível apagar o nosso passado, pois nós representamos a soma de tudo o que temos vivido e de tudo o que temos sido. Mas há muitas pessoas atingidas pelo seu passado negativo. Temos a tendência de olhar mais para o passado do que vivermos o presente e projetarmos o futuro. Jesus Cristo, sabendo disso, enfatizou a necessidade de vivermos o presente: “Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? [...] Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal” (Mateus 6:31, 34).

Deus, de forma muito sábia, orientou o Seu povo para que esquecesse o passado negativo e se lembrasse do passado positivo. “Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas” (Isaías 43:18). “Lembra-vos das

coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim” (Isaías 46:9). Aqui Deus não Se contradiz. Ele apenas diz que o passado positivo deve ser lembrado e vivido e o passado negativo deve ser administrado e esquecido. O que deve ser enterrado e esquecido? Os desentendimentos com o patrão, que levaram ao desemprego; a falta de compreensão sobre assuntos domésticos e conjugais, que provocou o divórcio; a sentença final do juiz, que frustrou o negócio; e a vida de pecado e divagação longe de Deus. O que deve ser lembrado? O dia de nascimento; o fim dos estudos; o casamento dos filhos; a viagem para o estrangeiro; o dia do batismo; e todas as coisas felizes! O passado positivo faz parte da nossa história, ele está lá para ser lembrado. O passado positivo deve ser vivido intensamente para auxiliar-nos na construção do nosso presente.

Deus dá-nos sabedoria para extrairmos as coisas boas do passado e vivermos o presente com alegria e intensidade. O seguinte texto ajuda-nos a entendermos isto melhor: “Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:13 e 14). Paulo, inspirado por Deus, deixou-nos aquilo que, em Psicologia, se chama Crescimento Pós-traumático. Quando, com a ajuda de Deus, conseguimos fazer o exercício mental de percebermos que não somos apenas aquilo que nos aconteceu no passado negativo, mas que somos mais do que a soma dos nossos acontecimentos passados, então passamos da mor-

te para a vida. Independentemente do *bullying* sofrido na escola, do relacionamento traumático ou do acidente que tivemos, com a ajuda de Deus não somos mais vítimas, somos mais do que a pessoa que éramos no passado, ainda que essas experiências continuem a ser parte de quem nós somos. Agora, o Espírito Santo ajuda-nos a administrarmos as emoções negativas e a destacarmos as positivas.

### **Quando o passado destrói**

Sou pastor há 29 anos e em todas as igrejas em que estive fui

solicitado para colaborar na resolução de vários problemas. Aquilo para que sou mais solicitado é a resolução de questões entre irmãos de igreja e familiares. Hoje, quando alguém quer falar comigo sobre outras pessoas, faço três perguntas: Já falou com a pessoa sobre o assunto? Que benefícios aquilo que tem para me dizer vai trazer à pessoa que não está aqui para se defender? Que benefícios vai trazer para si? No processo de aconselhamento pastoral, tenho a obrigação cristã de debelar a maledicência, sem desprezar a

pessoa que realmente necessita de ser ajudada.

Judas Iscariotes nunca conseguiu trabalhar as emoções negativas. Ele passou tanto tempo com Jesus e, ainda assim, o seu passado foi maior do que ele! Ele foi incapaz de romper com o seu passado de remorsos, traumas e pecados. Judas não conseguiu processar, no seu interior, o mal que existe em cada pessoa. Ele não conseguiu apagar o passado e reeditar o novo “ficheiro” que lhe fora dado por Jesus. Ele escolheu viver na prática do mal e teve um triste fim: “E ele, atirando para o templo as moedas de prata, retirou-se e foi-se enforcar” (Mateus 27:5). Devemos ter muito cuidado para que a experiência de Judas não se repi-

“Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim” (Isaías 46:9).



ta na nossa vida. Precisamos de passar pelo verdadeiro arrependimento e deixar o passado de pecados e faltas.

Um outro exemplo de um passado frustrado é encontrado no seguinte texto: “E Herodias o espiava, e queria matá-lo, mas não podia” (Marcos 6:19). Temos aqui a história de uma mulher com muito ódio no coração. Você conhece alguém assim? Dizem que o ódio é a outra face do amor, que condiciona tremendamente a vida e as relações sociais. O ódio é um sentimento gerado pelo diabo, que procura a destruição do objeto desse ódio. Este objeto geralmente é uma pessoa.

Neste exemplo, Herodias queria matar João Batista porque ele denunciou, de forma pública, o seu pecado. Embora João Batista já estivesse preso, isso não foi suficiente para conter o ódio de Herodias. A vingança é algo com raízes do passado. Diz-se que é “um prato que se serve frio”. O ódio é algo que vem do passado, acontece no presente e persegue o futuro.

No dia do seu aniversário, Herodes ofereceu uma festa para muitos convidados e, depois de já estar bêbado, viu dançar Salomé (sua sobrinha e filha de Herodias), tendo oferecido até metade do reino à jovem. Em consulta com a mãe, Salomé apresentou o seu pedido: a cabeça de João Batista num prato. Salomé teve o seu presente e o seu futuro prejudicados por causa do ódio enraizado no passado da mãe. Hoje há muitas pessoas que são destruídas por causa do seu passado mal resolvido quando pedem “a cabeça de João Batista” num prato. Enquanto Deus oferece paz, saúde, prosperidade e muitas bênçãos, alguns preferem a “cabeça de João Batista” vinda de um passado frustrado!

### **Quando o passado constrói**

A Bíblia traz um importantíssimo exemplo de alguém que soube lidar com o passado, construiu o presente e teve um futuro maravilhoso. José era muito novo quando os irmãos o venderam aos Ismaelitas, que o revenderam a Potifar no Egito. Ao destacar o contraste entre o plano de Deus e a realidade aparente, a história de José parecia tomar um rumo totalmente oposto aos seus sonhos. José queria ser feliz, mas por um tempo foi tremendamente prejudicado. Parecia que seria o seu fim! José, ao chegar ao Egito, foi trabalhar como servo na casa de Potifar, depois foi lançado na prisão, por fugir da tentação criada pela mulher de Potifar. Perante a tentação, a sua resposta foi: “Como pois faria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?” (Gênesis 39:9.) Quando esteve na prisão, José portou-se como um verdadeiro filho de Deus e a Bíblia diz a seu respeito: “O Senhor, porém, estava com José, e estendeu sobre ele a sua benignidade, e deu-lhe graça aos olhos do carcereiro-mor” (Gênesis 39:21).

Porque era o Senhor com José? Porque José não reclamou em nenhuma das situações em que se viu envolvido. Quando saiu de casa, não rogou pragas aos irmãos; quando esteve na casa de Potifar, não difamou a mulher que o prejudicou; quando esteve na prisão, não falou mal de ninguém, pois cada fase anterior havia ficado no passado. Ele não sabia a razão de tantas provações, mas soube esperar em Deus. José tinha um forte relacionamento com Deus e uma vida de oração. Pessoas que trazem ódio no coração por causa de assuntos não resolvidos com outros não têm uma vida de oração

saudável. José tinha essa vida de oração e Deus era com ele.

Quando a fome chegou e os seus irmãos foram até ao Egito, ficou evidente que José tinha conseguido enterrar o passado negativo e entendido os planos de Deus para ele e para o povo de Deus. José conseguiu enterrar o passado negativo de uma forma brilhante. Depois de José usar um estratagema para questionar os irmãos, ele revelou-se perante eles. Os irmãos ficaram apavorados e perguntaram: “Agora vamos tornar-nos teus prisioneiros?” José disse: “Não! Deus apenas me enviou à vossa frente para preservar com vida a nossa família. Regressem a Canaan e tragam o nosso pai e a nossa família, pois sou suficientemente rico para ajudar-vos a todos.”

Que coisa incrível! Por outras palavras, José disse: “Eu não me tornei num produto do meio em que vivi. Eu estou acima disso, pois sempre estive com Deus e Ele comigo.” José não guardou ressentimentos, ele soube entender e perdoar as pessoas. José também foi usado por Deus para que os seus irmãos pudessem libertar-se do passado de mentiras e de pecados.

Prezado Leitor, eu não sei o que os eventos do passado provocaram na sua vida e não sei também se você e os seus queridos foram prejudicados por pessoas maldosas ou ignorantes. Mas sei que o perdão é o melhor remédio. Lembre-se de que uma vida feliz e bem vivida é a sua melhor vingança. Em vez de se concentrar nas mágoas, concentre-se no que o torna superior à pessoa que o magoou: o seu amor, o seu sorriso e a sua bondade! Passe de vítima a herói na história da sua vida! ✨

**• Luís Carlos Fonseca**  
Pastor

# UM NOVO HORIZONTE com SENTIDO

PARÁBOLAS PARA OS NOSSOS DIAS

PAULO LIMA

**E**m 1815, um cartógrafo inglês, chamado William Smith, criou um mapa que mudou o mundo. William tinha crescido como órfão, na pobreza, mas tornou-se num agrimensor bem-sucedido. A certo ponto da sua carreira ele percebeu algo de crucial sobre a Terra. Primeiro, descobriu que as rochas podiam ser datadas pelos fósseis que nelas se encontravam. Isto significava que, se se encontrasse o mesmo tipo de fósseis em rochas de dois lugares diferentes, então essas rochas tinham surgido na mesma era geológica. Segundo, também descobriu que as rochas estavam normalmente organizadas segundo um padrão estratificado imutável. Munido destas duas descobertas, William Smith criou um mapa geológico de Inglaterra, da Escócia e do País de Gales. E esse mapa mudou o mundo. Porque? Porque o mapa de Smith permitia, pela primeira vez, prever o que estava debaixo do solo. Antes de Smith ter criado o seu mapa, não quisesse encontrar ouro, carvão ou outro recurso natural geológico tinha de se prospectar a superfície em busca de algum indício de recursos. Mas agora, com o mapa de Smith, podia-se procurar a rocha e saber o que estava debaixo dela. O mapa geológico mudou a vida dos humanos, pela geologia, pela história, descoberta da Terra. Assim, os gases do gás e o oxigênio.

zas geológicas, também nós precisamos de um mapa para a vida que nos permita fazer mais do que apenas arranharmos a superfície da nossa existência e que nos dê acesso às suas profundezas. A Bíblia é precisamente esse mapa que Deus ofereceu à Humanidade, isto é, a cada um de nós. As Sagradas Escrituras indicam a realidade da existência de Deus e a possibilidade da vida eterna. Não seríamos capazes de alcançar os mesmos, permitindo-nos alcançar ao máximo a vida eterna em todas as dimensões, nomeadamente a dimensão espiritual. Dada a importância da nossa vida, precisamos de um mapa que nos permita fazeremos o melhor uso das nossas ponderações e da nossa inteligência. Segundo o seu texto...

(II P.  
Escr  
s

## SINAIS DOS TEMPOS

COMO AS PALAVRAS  
TORNARAM NA PA  
A  
DEUS É O AUTOR  
AS ESPANTOSAS PROFECIAS DE

### A BÍBLIA, UM NOVO HORIZONTE COM SENTIDO

CAMPANHA DE  
EVANGELIZAÇÃO  
MAIO 2016

OFEREÇA AOS SEUS AMIGOS UM EXEMPLAR DA REVISTA SINAIS DOS TEMPOS.

SINAIS *dos* TEMPOS